UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS, CULTURA E EDUCAÇÃO

ANA CAROLINA DE FREITAS ALVES

PENSANDO A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE A PARTIR DA INFLUÊNCIA DO CINEMA:

MODOS DE SER PROFESSOR REPRESENTADOS NOS FILMES

VITÓRIA, ES
2023

ANA CAROLINA DE FREITAS ALVES

PENSANDO A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE A PARTIR DA INFLUÊNCIA DO CINEMA:

MODOS DE SER PROFESSOR REPRESENTADOS NOS FILMES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Linguagens, Cultura e Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Drª. Julia Rocha

VITÓRIA, ES

2023

ANA CAROLINA DE FREITAS ALVES

PENSANDO A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE Ddocente A PARTIR DA INFLUÊNCIA DO CINEMA:

MODOS DE SER PROFESSOR REPRESENTADOS NOS FILMES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Linguagens, Cultura e Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Drª. Julia Rocha

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Julia Rocha

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientadora

_____

Profª. Drª. Maria Angélica Vago-Soares

Universidade Federal do Espírito Santo

_____

Profª. Drª. Ivone Martins de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

A construção desta pesquisa me permitiu relembrar e refletir sobre meu processo de formação. Voltei ao meu primeiro dia de aula, sobre os motivos da escolha do curso, meu e dos meus colegas. Nestas lembranças veio uma fala de uma colega que afirmou que estar naquela sala era o sonho de criança dela. Essa mesma colega trancou o curso logo no primeiro período por motivos pessoais. Trago essa história, pois ela me permite visualizar que mais do que vontade de realizar o curso, é necessário apoio para concluir, por isso gostaria de agradecer aquelas pessoas que tornaram minha formação possível.

Agradeço primeiramente a Deus pelo carinho, cuidado e bondade que tem me sustentado até aqui.

A minha família por sempre acreditar em mim e me apoiar.

Aos meus colegas de graduação, principalmente à Eduarda, Jéssica e Maiara, vocês foram fundamentais na minha formação. Nossas trocas enriqueceram quem sou.

À Gabrielly, obrigada por sempre me ouvir e apoiar, contar com sua amizade é uma enorme alegria.

Aos professores, tanto da graduação quanto do meu ensino básico, vocês certamente influenciaram a professora que serei.

À toda equipe da Banescor, principalmente ao meu coordenador Ranieri. A flexibilidade que vocês tiveram me permitiu chegar até aqui.

À Maria Angélica Vago-Soares e Ivone Martins de Oliveira, por terem aceitado fazer parte da minha banca de avaliação.

A minha orientadora Julia Rocha, por ter aceitado essa jornada comigo, ter me apoiado em cada passo, sempre com muita paciência, gentileza e compromisso. Sua orientação tornou todo o processo mais leve e prazeroso, foi uma honra contar com seu auxílio neste caminho.

“Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser”.

Freire (2020)

RESUMO

A presente pesquisa buscou refletir sobre a influência do cinema e das imagens na construção da identidade docente na formação no curso de Licenciatura em Pedagogia. Isso é pensado através do questionamento de como os filmes que retratam os professores nos dizem sobre a formação da identidade docente? Para responder o questionamento, pensou-se sobre a construção da subjetividade do professor a partir de uma teia de atravessamentos no qual as produções audiovisuais possuem reverberações que dialogam com os conteúdos curriculares, experiências vividas assim como as demais representações sociais, como a música e a poesia. Para isso, é realizada uma revisão bibliográfica com recorte de análise de três produções audiovisuais. Através do primeiro capítulo se pensou em como nos constituímos professores, buscando entender a complexidade do profissional e da formação docente, pontuando o ato político que é ser professor, em diálogo com Freire (1996, 2020), Rancière (2018), Nóvoa (2009, 2019) e Pimenta (1999). No segundo capítulo refletiu-se sobre a imagem e o cinema enquanto linguagens formadoras de identidades, desta vez recorrendo à Acaso (2016; 2017) e Acaso e Megías (2016) para pensar o poder formativo das imagens, do quanto elas nos despertam desejos e constroem subjetividades e a Santos (2008) e Costa (2008) para refletir sobre a influência do cinema na construção de identidades. No último capítulo foi realizada a análise dos filmes *Vermelho como o céu* (2006), *Escritores da liberdade* (2007) e *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* (2007), pensando sobre como estas produções audiovisuais em específico nos falam e tocam na nossa formação enquanto futuros profissionais docentes, através do diálogo com os autores referenciais da pesquisa.

Palavras-chave: Formação de professores, representações sociais, identidade docente, cinema, imagem.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Cartazes dos filmes brasileiros pré-indicados ao Oscar entre os anos de 2000 a 2005

Figura 2: Montagem com algumas princesas da Disney

Figura 3: Cena do filme *O Jeremias*, onde Jeremias é expulso da aula

Figura 4: Cena do dorama *Intensivão do Amor*, onde Choi ministra sua aula particular

Figura 5: Cena da novela *Rebeldes Brasil*, onde Vicente leciona uma aula de literatura

Figura 6: Cena do filme *O primeiro da classe*, onde Cohen prepara sua aula

Figura 7: Montagem com alguns professores presentes no audiovisual

Figura 8: Cena do filme *Vermelho como o céu*, onde Mirco e o Felice estão em cima da árvore

Figura 9: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Vermelho com Céu*, onde os alunos constroem a apresentação para família

Figura 10: Cena retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Inshan está observando um peixe

Figura 11: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Inshan se encontra retraído

Figura 12: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Nikumbh tenta ajudar a Ishaan

Figura 13: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Escritores da liberdade* retratando o primeiro dia de aula de Erin

Figura 14: Cena retirada do filme Escritores da liberdade, onde Erin realiza a dinâmica da linha

Figura 15: Cena retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial,* onde Ishaan está se sentindo excluído

Figura 16: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde os alunos correm após confusão na escola

Figura 17: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde os alunos puderam se visualizar uns nos outros

Figura 18: Cenas retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* que permite visualizar o contraste entre professores disciplinadores e o professor lúdico

Figura 19: Cena retirada do filme *Vermelho como o céu*, onde ocorre uma conversa entre professor e diretor

Figura 20: Cena retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde ocorre uma reunião entre pais, professoras e diretora

Figura 21: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde nenhum pai comparece a reunião de pais

Figura 22: Cena retirada do filme *Vermelho como céu* em que ocorre um protesto da comunidade

LISTA DE ABREVIATURAS

CNE - Conselho Nacional de Educação

MEC - Ministério da Educação

PPC - Projeto Pedagógico do Curso

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1. SER PROFESSOR: REFLEXÕES SOBRE A PROFISSÃO E FORMAÇÃO DOCENTE **15**

1.1. O QUE É SER PROFESSOR? 15

1.2. O QUE CONSTITUI O CAMPO DA PEDAGOGIA? 20

1.3. COMO NOS CONSTITUÍMOS PROFESSORES? 25

2. O CINEMA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE **33**

2.1. A IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE DESEJO 33

2.2. O CINEMA ENQUANTO PRODUTOR DE IDENTIDADES 37

2.3. UM POUCO DA DOCÊNCIA NO CINEMA 42

3. O QUE OS FILMES NOS DIZEM SOBRE A DOCÊNCIA **48**

3.1. JUSTIFICANDO O RECORTE DA PESQUISA 48

3.2. UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS FILMES 51

3.3. ANÁLISE DOS FILMES 57

CONSIDERAÇÕES FINAIS **69**

REFERÊNCIAS **72**

INTRODUÇÃO

Como sujeito social, o ser humano tem sua vida perpassada pela educação, seja no ensino formal - através dos espaços escolares - seja no ensino não formal - através das trocas com familiares e amigos, bem como nos espaços não institucionalizados de aprendizagem. Por meio da educação compartilhamos saberes já conquistados pela humanidade e nos relacionamos e vivenciamos experiências coletivas, o que permite que se descubram e construam novos saberes. Diante da crescente urbanização e globalização, oriundos das revoluções industriais, os sistemas de ensino formal ganham cada vez mais protagonismo na vida das sociedades contemporâneas, com isso também a figura do professor ganha destaque. Uma vez após a universalização do ensino, os docentes passam a ter papel fundamental, pois passam a ser entendidos como mediadores capazes de desenvolver nos alunos o interesse e a busca pelo conhecimento através da consciência crítica. Assim como também por promover processos de afetividades, através de relacionamentos que ultrapassem os espaços e conteúdos escolares. Deste modo, seus processos de formação também ganham enfoque, sendo discutidos em congressos, seminários e também se tornando alvo de políticas públicas.

Neste cenário, a educação é entendida por muitos como a melhor maneira de revolucionar o mundo, de realizar transformações e de possibilitar a ascensão social, pois através dos estudos entende-se que uma pessoa é capaz de mudar sua realidade. A partir dessa perspectiva, a educação é entendida por alguns como uma grande arma de transformações e o professor possui papel importante neste processo de mudanças. No entanto, é necessário o entendimento de que a educação por si só não será capaz de revolucionar a sociedade em que vivemos, pois, ao mesmo tempo que auxilia a construir a sociedade, também é construída por ela, em um processo dialético.

Uma frase que minha mãe utilizou comigo como incentivo para estudar desde minha infância e que me marcou profundamente foi “Estuda minha filha, estuda para quando você crescer você não fazer faxina como sua mãe”. A fala dela demonstra uma visão que considera a educação como possibilidade de ascensão social, como modo de mudar uma história que vinha sendo escrita ao longo da trajetória da minha

família. Da mesma forma como esta frase foi combustível durante minha infância e adolescência na busca para superar as dificuldades encontradas, ela permanece quando chego ao ensino superior. Uma vez que me leva a pensar uma educação para além de um meio de mudar de vida, mas também no sentido amplo, como consta na constituição, visando o pleno desenvolvimento do sujeito, preparando não só para o mercado do trabalho, mas também para exercício da cidadania.

Na graduação, toda aquela crença de que somente através da educação conseguiria um futuro melhor para mim, minha família e também para os meus alunos, foi sendo paulatinamente questionada. Quando me deparo com o fato de que a escola vem sendo utilizada de maneira a perpetuar o *status quo*, a legitimar e reproduzir a sociedade tal como está, sou convidada a refletir sobre a capacidade real de transformação que a educação possui. Com isso, os horizontes foram ampliados, o ensino passou a ser entendido de maneira complexa, cheio de nuances e o caráter político da educação ganhou destaque.

Pensar como a educação marcou minha vida e família, me levou a entender sua importância, sua potencialidade, assim como também suas fragilidades e é exatamente isso o que move essa pesquisa, a busca por entender a educação de maneira complexa, para além de apenas uma chave de transformação, tomando a formação de professores como aspecto fundamental neste entendimento. Buscou-se, portanto, refletir sobre educação a partir de um processo formativo que extrapola aspectos do currículo meramente prescritivo, processo esse que é realizado nas relações, através das trocas, debates, músicas, filmes, enfim, dos atravessamentos que temos ao longo da nossa trajetória. Diante deste entendimento a pesquisa buscou refletir sobre a influência do cinema e das imagens na construção da identidade docente na formação no curso de Licenciatura em Pedagogia.

Para isso, refletiu-se, através do diálogo com Freire (1991, 2020), Rancière (2018), Nóvoa (2009, 2019), Pimenta (1999), Acaso (2016, 2017) e Megías (2016), acerca da influência das imagens e do cinema na formação de professores. Conceituando, primeiramente, a profissão docente, o campo da Pedagogia e pensando como nos constituímos professores. Depois, buscou-se entender o poder formativo das imagens e do cinema, enquanto linguagens formadoras de identidades e, por último, recorreu-se à análise de três filmes para refletir sobre como eles nos falam e tocam na nossa formação enquanto futuros profissionais docentes.

O primeiro capítulo é conduzido através de três perguntas que nos movem a pensar a formação docente, sendo elas: O que é ser professor? O que constitui o campo da pedagogia? e Como nos constituímos professores? Para construção deste debate recorreu-se a Freire (1991; 2020), Rancière (2018), Nóvoa (2009; 2019) e Pimenta (1999), pontuando a complexidade da profissão docente e de uma formação que é influenciada por uma teia de atravessamentos. Inicia-se a partir de exemplos dos professores do nosso ensino básico, perpassando as representações sociais, como músicas e filmes, permanecendo nas trocas com colegas de faculdade e profissão. De modo que o capítulo nos conduz à reflexão de uma formação que ultrapassa aspectos do currículo prescritivo e nos move a pensá-la através dos atravessamentos pessoais e pela trajetória de vida de cada discente.

O segundo capítulo é construído através do diálogo entre Acaso e Megías (2016; 2017), Martins (2006; 2007), Kellner (2011), Santos e Costa (2008), que nos permitem o entendimento das imagens enquanto linguagem, carregadas de significado e capazes de construir subjetividades. A seção pensou, com isso, o poder formativo das imagens, seu uso no mercado publicitário e consequentemente a pedagogia que a publicidade possui, pois através das imagens não são vendidos apenas produtos, mas também um modo de vida atrelado a determinado objeto. Outro aspecto que se ressalta através das imagens, é o poder pedagógico do cinema, que assim como a publicidade, é capaz de dizer formas de se viver e com isso construir e moldar personalidades.

No terceiro capítulo, as duas primeiras seções e seus autores referências se encontram através da análise dos filmes *Vermelho como o céu* (2006), *Escritores da liberdade* (2007) e *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* (2007). Buscou-se refletir como estes filmes que retratam a profissão docente nos falam sobre ela, pensando sobre como nos influenciam na constituição de uma identidade de professor, ao analisar a forma como permeiam nosso imaginário social, impactando na idealização da profissão. Deste modo, abriu-se um convite para um olhar mais crítico para as produções fílmicas, onde é necessário entender suas potencialidades e limitações.

Com isso, o trabalho buscou dialogar com docentes e futuros professores, pensando na influência dos filmes e produções audiovisuais em nossa formação. Trazendo uma perspectiva de educação e formação que supera um currículo

descritivo, mas que é também é realizada através de trocas e atravessamentos que ocorrem ao longo da trajetória dos sujeitos.

1. SER PROFESSOR: REFLEXÕES SOBRE A PROFISSÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

“Perguntas são mais que respostas”
Sant

Qual é a primeira imagem que vem à sua mente quando se fala sobre a figura do professor? Aquela pessoa vocacionada, que desde a tenra idade demonstra capacidade de instruir os demais colegas? Aquele profissional dedicado que por vezes abre mão da sua vida pessoal priorizando o trabalho? Ou aquele carrasco autoritário que exige respeito sem entender que se trata de uma via de mão dupla? Por que quando falamos da profissão docente tudo precisa tratar de duas pontas de completos extremos?

No meu primeiro encontro de orientação para o presente trabalho uma das observações de maior destaque que recebi foi a necessidade de encontrar o equilíbrio, pois a escrita era iniciada com uma visão idealizada da profissão e terminava com críticas muito incisivas. Esse fato demonstra que apesar de acreditarmos na profissão docente e defendermos a complexidade dela, por vezes caímos na armadilha de um pensamento simplista onde se é uma coisa ou outra.

Por isso, este primeiro capítulo é movido por perguntas que provocam o questionamento em torno da construção da identidade docente, buscando pensar a profissão e a formação do professor em uma ótica que demonstre sua construção a partir de uma de uma teia de atravessamentos. Entendo, assim como nos aponta Sant, que “perguntas são mais que respostas”, uma vez que elas movem o pensamento de um local cômodo de afirmações e levam a um local de reflexões. Desde modo, o capítulo será movido pelos seguintes questionamentos: O que é ser professor? O que constitui o campo da pedagogia? Como nos constituímos professores?

1.1. O QUE É SER PROFESSOR?

Ser professor é um ato político.

Inicio o trabalho com esta afirmação por dois motivos: primeiro, pela potência que ela pode alcançar, apesar de não querer utilizá-la aqui com a pretensão de esgotar a definição do que é ser professor, mas sim de demonstrar a complexidade

do trabalho docente e começar um debate que atravessará essa pesquisa como um todo. Segundo, por se tratar da primeira frase a reverberar reflexões no meu período de caloura do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2019, e que, ainda hoje, como finalista, encontra novas respostas a cada leitura, debate, aula ou filme que refletem sobre perspectivas a respeito do que é ser professor.

Explicando um pouco melhor, no primeiro dia de aula na UFES, minha turma participou de uma atividade na qual nos apresentamos e éramos convidados a expor os motivos de termos escolhido a Pedagogia como curso de formação. A esta pergunta tivemos respostas como "*Porque é meu sonho desde pequena*", "*Porque amo crianças*", "*Foi a graduação que minha nota permitiu entrar*" e tantas outras justificativas que se repetiram. Mas, entre as respostas, uma das nossas colegas afirmou que escolheu a Pedagogia "*Porque a educação é um ato político, ser professor é um ato político*". Desde aquele primeiro dia de aula essa frase ecoa na minha formação e nas práticas que participei em sala de aula, identificando novas reverberações através das discussões ao longo do curso e adensando os entendimentos.

Depois do percurso trilhado nas disciplinas e nos debates desenvolvidos no decorrer da formação, foi possível identificar que a afirmação desta aluna naquele primeiro dia de aula estava referenciada em Paulo Freire (1991; 2020), que defende que ser professor não se esgota em saber os melhores meios de ensinar, mas trata-se de um compromisso ético, que compreende também a visão de mundo e de sociedade que buscamos. Freire (1991, p. 20) pontua que:

> [...] a educação é um ato político. Não há prática educativa indiferente a valores. Ela não pode ser indiferente a um certo projeto, desejo ou sonho de sociedade. Ninguém é educador por simples acaso. Ninguém forma por formar. Há objetivos e finalidades, que fazem com que a prática educativa transborde dela mesma.

Logo, a educação é um ato político, pois possui intencionalidades e é revestida de valores. Todo projeto educacional detém a intenção de moldar a sociedade em que vivemos, seja tentando modificá-la e transformá-la, seja visando conservar os valores que a sociedade possui. Em oposição aos pensamentos freirianos, há os que defendem uma suposta neutralidade da educação - como se fosse possível separar os processos formativos dos valores daqueles que participam -, quando, na

verdade, quem defende essa neutralidade está corroborando para que a sociedade permaneça como está, logo há uma escolha sendo realizada, a de contribuir para a conservação das estruturas sociais.

Em oposição, Freire (2020) defende ainda que a educação seja justamente um processo humanizador frente a realidade vivida pelos grupos com os quais trabalhamos, que perpassam por vezes processos de desumanização, no qual têm negado o acesso a direitos básicos, como moradia e alimentação. É diante deste cenário de negação de direitos, que, como educadores, devemos ser movidos pela indignação e pela não conformidade com a maneira com que as coisas estão postas. De acordo com a perspectiva freiriana, devemos de forma política nos valer da educação como possibilidade de humanização, através das nossas escolhas pedagógicas. Pois nossas escolhas como professores e professoras poderão influenciar na sociedade que teremos e certamente influenciarão os nossos alunos e suas possibilidades.

Isto não quer dizer que por meio da educação iremos salvar o mundo - como minha inocência de caloura pretendia -, mas demonstra que como educadores temos nas mãos opções a fazer, e essas serão sempre políticas. Conforme nos aponta Freire (2020, p. 110):

> [...] se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação não é nem uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do *status quo*, porque o dominante o decrete. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.

Levando em consideração que a educação não irá salvar a humanidade de modo revolucionário, visto que também contribui para a manutenção e difusão da ideologia dominante, é necessário ter em mente a luta política que se assume ao ser educador, por estar em não conformidade com um sistema que oprime e marginaliza indivíduos e que nega sua condição de humanidade. Nessa perspectiva, o professor não será responsável apenas pela alfabetização, pela entrada dos alunos no mundo dos números, pela apresentação da ciência e da metodologia científica aos discentes, mas principalmente por desenvolver neles o interesse e a busca pelo

conhecimento através da consciência crítica. Assim como também por promover processos de afetividades, através de relacionamentos que ultrapassem os espaços e conteúdos escolares e possibilitem novas formas de ser e estar no mundo.

Deste modo, podemos afirmar que ser professor é um ato político, pois apesar de não poder combater sozinho todas as mazelas da sociedade, o educador pode, juntamente com seus alunos, construir reflexões onde os discentes produzam ferramentas capazes de combater o racismo sofrido por parte de seus alunos pretos, o machismo sofrido pelas suas alunas, assim como questionar outros sistemas de dominação que estão presentes dentro dos sistemas de educação como reflexo e resposta do que acontece fora deles.

Contudo, esse trabalho, do qual chamamos de emancipação e autonomia, só se pode fazer em conjunto, através do diálogo e de discussões coletivas, onde o docente não irá transferir o conhecimento aos seus alunos, mas, juntamente com eles, construirá processos de ensino e aprendizagem. Logo, ser professor não é só dominar técnicas de aprendizagem, métodos de ensino, conhecimento sobre o currículo prescrito ou tantas outras tarefas burocráticas ao qual está sujeito. A profissão docente possui um caráter social, pois o professor pode ser alento a alguns alunos, pode ser o incentivo a outros, assim como pode ser o motivo da aversão que muitos deles possuem pela escola.

Em minha trajetória formativa, por exemplo, tive professores que me faziam amar a escola, como a minha professora da quarta série, Luzinete, que fez com que me apaixonasse pelo mundo dos números. Da mesma forma com que cruzei com professores que me entristeciam sempre que tinha suas aulas, pois sentia que os conhecimentos obtidos ali nada acrescentavam em minha vida, devido ao relacionamento estabelecido com o professor, a aula não me parecia atraente e motivadora.

Essa concretude do ser professor passa pelas suas bases teóricas, que são fundamentais, pois elas determinarão quais serão as escolhas deste profissional: se buscará por metodologias que consideram o aluno como o centro do processo de aprendizagem, como o ser capaz de aprender, que leva em consideração os conhecimentos prévios ou se escolherá metodologias que desconsideram os saberes dos estudantes e tratam como capazes apenas memorizar. Por isso, os

discentes precisam do professor que compreende o todo, para que haja as escolhas dos caminhos metodológicos a serem percorridos.

O conhecimento escolar deve ser proposto como estruturação e ampliação das aprendizagens construídas no meio, pois como Freire (2020) e Jacques Rancière (2018) apontam, o ensino deve partir do conhecimento que as pessoas já possuem. Para isso, é necessário conceber que todos somos dotados de inteligência e que as pessoas possuem em si a capacidade de aprender. Freire defende uma educação que emancipe a população, um aprendizado que seja capaz de possibilitar que os alunos lutem e assegurem que seus direitos sejam garantidos. Rancière também defende a necessidade de se emancipar o povo, para isso, nos aponta que é necessário fazer com que o pai e mãe de família entendam que eles são capazes, mesmo sem saber ler ou escrever, de ensinar tudo aos seus filhos, assim como também são capazes de aprender tudo o que for.

Os dois autores nos trazem importantes reflexões sobre a necessidade de considerar todos os educandos como seres dotados de inteligência, com conhecimentos prévios que devem ser considerados. Com isso, o professor não pode se julgar o detentor do conhecimento, o centro da sala de aula, mas deve considerar que o percurso de ensino e aprendizagem se constrói coletivamente. Nesse sentido, os dois autores alertam sobre o processo de hierarquização que existe dentro das escolas, salas de aulas e sistemas de ensino.

Freire (2020) denuncia este método como conhecimento bancário, onde o docente é que detém o saber e por isso é o centro do processo de aprendizagem, quem deposita os conhecimentos aos discentes, que o recebem passivamente. Por isso, a relação estabelecida entre educador e educando é fundamentalmente narradora e dissertativa, realizada através de práticas repetitivas e completamente desligadas da realidade dos alunos. Corroborando, desta forma, para o desinteresse dos discentes pelas aulas e pela escola, conforme exemplo pessoal que trouxe acima, onde as aulas não faziam sentido para meu processo de aprendizado e por isso não possuía interesse em participar delas.

Já Rancière (2018), denuncia essa hierarquia como embrutecimento, onde o professor se funda na crença de que o aluno só consegue aprender através do seu ensino, por isso está sempre buscando melhores métodos e ensina um passo por vez, pois a inteligência dos alunos não é capaz de absorver o conhecimento sem

esse auxílio. Rancière demarca ainda que o embrutecedor se beneficia do desconhecimento do aluno, pois, deste modo, mantém sua posição hierárquica em relação aos discentes. Em contraposição, o ensino universal, que o autor defende, possibilita aos discentes a capacidade de aprender sobre tudo através de uma atitude questionadora, o que possibilita que alunos e professores possam conjuntamente construir seus processos de ensino e aprendizagem.

Essas reflexões nos demonstram que o professor é dotado de escolhas, uma vez que trata-se de uma opção considerar seu aluno como capaz ou incapaz, como depósito de conhecimentos ou como construtor da sua própria aprendizagem, como um ser dotado de inteligência e conhecimentos prévios ou como uma tábula rasa que precisa receber conhecimentos como um receptáculo. Essas escolhas dizem respeito aos caminhos percorridos por este profissional. Caminhos cursados desde os exemplos que teve quando criança de seus professores, passando pela sua formação inicial e continuando em sua atuação como educador, com os exemplos de seus colegas docentes e o retorno que recebe de seus alunos. Tudo isso será somado para produzir cada profissional docente.

Assim, não é possível determinar de maneira simplista e superficial que ser professor é estar atento às necessidades do aluno ou ser professor é ensinar com maior ou menor rigidez ou ainda que ser professor é emancipar seus alunos para que eles se desenvolvam sozinhos, pois o fazer docente é uma tarefa complexa, cheia de nuances e de influências, que está em constante construção e revisão. Diante disto, a intenção deste trabalho não é definir o que é ser professor com precisão, mas sim de demarcar que como ato político está repleto de escolhas e diz de uma visão de mundo e de sociedade.

1.2. O QUE CONSTITUI O CAMPO DA PEDAGOGIA?

Considerando que constituir-se professor passa por uma série de escolhas e essas assumem pressupostos teóricos do docente, a formação inicial ganha, deste modo, relevância, pois apresentará aos alunos os subsídios teóricos com os quais poderão trabalhar. Dentro das salas de graduação, os professores universitários compartilham suas experiências próprias, demonstram porque utilizam determinado aporte teórico, o que possibilita que o docente em formação também possa escolher

com quais metodologias e correntes teóricas deseja trabalhar. É através do contato com os referenciais que pensam a educação e a sociedade, que os alunos são confrontados a pensar a realidade que vivem, as experiências que tiveram como alunos, para, deste modo, serem transformados pelos atravessamentos deles em sua identidade pessoal.

Diante da importância da formação inicial, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o Estado estabeleceu que a formação de docentes para atuar na rede básica de ensino será realizada em nível superior. Deste modo, ressalta a importância de uma formação sólida para os professores, uma vez que uma educação de qualidade passa não só, mas também, por uma rede de profissionais qualificados e capacitados. Entendendo formação sólida como um percurso formativo que seja capaz de possibilitar aos professores pressupostos teóricos que sejam capazes de proporcionar uma atuação que promova os processos de aprendizagem, considerando e respeitando as diferentes culturas.

Pensando a importância desta formação, faz-se também necessário analisar como ela é realizada, o que faz questionar como estão organizados os cursos de Pedagogia. Como eles são planejados e concebidos? Qual o profissional que se deseja formar através deles? Para isso, é necessário recorrer às Resoluções do Conselho Nacional de Educação, CNE/CP nº 1/2006 e CNE/CP nº 2, de 1 de julho de 2015, para verificarmos as diretrizes que o governo brasileiro estabelece para a graduação em Pedagogia. O primeiro passo para isso é identificar o que a resolução CNE/CP nº 1/2006 nos aponta como docência.

> Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo (MEC, 2006, p. 1).

Trata-se de uma docência construída social e historicamente, que é desenvolvida através da articulação entre conhecimentos e os valores estabelecidos através das relações sociais e da trajetória de vida de cada discente e dos conhecimentos científicos e valores da própria profissão com os quais se tem contato ao longo da formação. As resoluções apontam também que o curso de Pedagogia deverá ser realizado por meio de estudos teórico-práticos, investigação e

reflexão crítica, possibilitando com isso planejamento, execução e avaliação de atividades educativas e aplicação ao campo da educação, de contribuições de outros campos de conhecimentos, como o filosófico, o histórico, entre outros. Com isso, "o estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos" (MEC, 2006, p. 1).

As resoluções apontam para um perfil de egresso do curso de Pedagogia que seja capaz de lutar por uma sociedade justa, equânime e igualitária, que possa também cuidar e educar crianças do ensino infantil, sendo capaz de fortalecer o desenvolvimento e aprendizagem das crianças do ensino fundamental. Este egresso conseguirá também atuar na educação realizada em espaços não escolares e nos espaços de gestão educacional, tanto em instituições ou sistema de ensino. Para isso, ele precisará identificar problemas socioculturais e educacionais, demonstrar consciência da diversidade e promover uma relação de colaboração entre escola, aluno, família e comunidade.

Pensando especificamente o percurso trilhado dentro da minha graduação e para uma melhor análise e detalhamento dos conhecimentos aprendidos no curso de Pedagogia, o presente trabalho também buscou fazer uma análise do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFES, debruçando-se no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2018, que está vigente no curso de Licenciatura em Pedagogia - noturno da UFES para tal leitura. Iniciando a análise do PPC verifica-se que a organização curricular do curso foi realizada em três núcleos: um *núcleo de estudos básico*s, um de *aprofundamento e diversificação de estudos* e um *núcleo de estudos integradores*. O *núcleo de estudos básicos* fornece os fundamentos e conhecimentos gerais do campo educacional. O *núcleo de aprofundamento e diversificação* é responsável pelo detalhamento e especificação dos conhecimentos da educação. Já o *núcleo de estudos integradores* busca proporcionar o enriquecimento curricular, através da articulação entre teoria e prática.

Os núcleos de estudos básicos e de aprofundamento e diversificação possuem juntos a carga horária de 2.340 horas e compreendem "as disciplinas obrigatórias que envolvem conhecimentos, saberes e experiências sobre o campo educacional, seus fundamentos e metodologias, bem como sobre as diversas realidades educacionais, três disciplinas optativas e as disciplinas de TCC I e TCC II" (2018, p.

13). Já o *núcleo de estudos integradores* possui carga horária de 1.010 horas e compreende as disciplinas de "*Estágio Supervisionado na Educação Infantil; Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Estágio Supervisionado em Gestão Educacional e Atividades complementares e disciplinas de prática como componente curricular*".

Deste modo o curso busca através das disciplinas como *História da Educação, Filosofia da Educação, Política e Organização da Educação Básica, Sociologia da Educação* e outras, oferecer aos alunos os pressupostos teóricos básicos para pensar a educação. Através da disciplina de *História da Educação no Brasil* é realizado o convite à reflexão sobre como a educação foi realizada durante séculos, como ela foi pensada e concebida, assim como também a relação que ela estabelece com a sociedade, de moldar e ser moldada por ela. As disciplinas de *Filosofia da Educação e Sociologia da Educação* também são permeadas pela relação sociedade e escola, onde através da história uma moldará a outra. Já a disciplina de *Política e Organização da Educação Básica* permite um olhar para como a educação vem sendo feita e como ela se torna responsabilidade do Estado, trazendo consigo a dimensão de direito que ela é e precisa ser garatido.

O curso busca também oferecer aos alunos os conhecimentos necessários para professores da educação infantil e do ensino fundamental I, assim como também para pedagogos, através de disciplinas como *Alfabetização, Matemática, História conteúdo e metodologias, Geografia conteúdo e metodologias, Currículo, Gestão da Educação Básica* e outras. Contudo, estas matérias não oferecem as receitas ou os métodos que serão desenvolvidos e permitirão que meus alunos aprendam a matéria ensinada, como imaginei aprender quando iniciei o curso, mas sim apresentam as metodologias possíveis, refletindo sobre o quanto elas podem acrescentar ou não ao processo de ensino e aprendizagem. Para isso, busca-se entender qual a concepção de aluno, de infância, de sociedade, de aprendizagem, para, através destes conceitos, apostar em uma prática que faça sentido diante da concepção de educação adotada.

Já por meio dos estágios e disciplinas práticas busca-se oferecer experiências de interligação entre teoria e prática. Considerando, deste modo, uma formação onde o aluno possua pressupostos teóricos que permitam refletir sobre sua atuação e que também proporcionem experiências práticas, onde os conteúdos e os

referenciais teóricos aprendidos na formação poderão encontrar uma realidade concreta para demonstrar sua razão de ser, subsidiar exercícios educativos intencionais.

Podemos verificar que a construção do currículo de Pedagogia da UFES, assim como nas diretrizes instituídas pelo Ministério da Educação (MEC), busca uma formação docente que supere a dicotomia entre quem pensa e quem executa, dicotomia essa que ao longo da história da educação vem sendo denunciada e criticada por autores que pensam a educação. Entre eles, se encontram Miguel Arroyo (2002), Ilma Veiga, José de Sousa, Lúcia Resende e Olga Damis (1997), que apontam a necessidade de rompimento com essa lógica, através de novas formas de organização do trabalho pedagógico, que afirmam que "terão de nascer no próprio chão da escola, com o apoio dos professores e pesquisadores" (FREITAS apud VEIGA et al., 1997, p. 56). Isso se torna possível através do diálogo entre escolas e universidades.

Aproximando-se dos autores supracitados, Nóvoa (2019) defende que é necessário que ocorra interação entre escola, professores e universidades, para que deste modo, através de um diálogo, se fortaleçam e ganhem força para lutar e falar sobre a educação, uma vez que a interseção entre eles possibilitará a consolidação de dispositivos de colaboração profissional. Para isso, Nóvoa (2019. p. 9) defende a criação de uma casa comum, onde professores universitários e docentes da rede básica de ensino se dediquem à formação docente. A casa comum consiste nessa interligação entre escola, educadores e universidades, onde os conteúdos, os conhecimentos científicos da educação e a cultura profissional docente se interligam. O autor (2019. p. 9) aponta que "[...] nesta casa comum faz-se formação de professores ao mesmo tempo que se produz e valoriza a profissão docente".

Deste modo, os docentes da rede básica serão convidados a participar ativamente do processo de formação docente. Poderão, com isso, influenciar os alunos em formação e também refletir ativamente sobre sua prática, formando assim a práxis docente do qual nos fala Freire, onde teoria e prática se encontram. Com isso, sua atuação ganha uma nova perspectiva, não estando mais restrita à sala de aula, mas podendo ser analisada e construída com outros colegas de profissão e alunos em formação, dando dimensão do caráter de política pública que ela possui.

Podemos visualizar através da análise das resoluções CNE/CP nº 1/2006 e CNE/CP nº 2, de 1 de julho de 2015, do PPC do curso de Pedagogia da UFES e das reflexões construídas através dos autores supracitados que a formação docente é realizada através de uma prática reflexiva sobre a profissão e os percursos formativos trilhados. Esta prática reflexiva da qual se fala dá a formação um caráter subjetivo. Por isso, estudantes que cursam a mesma graduação, com as mesmas disciplinas e os mesmos professores, possuem proposta pedagógicas diferentes, pois estes conteúdos foram apropriados de maneiras distintas por cada um deles. Os processos de atravessamentos das reflexões geradas em sala de aula são influenciados pelas vivências de cada um dos alunos e isso se traduz em formações distintas, mesmo tendo acesso ao mesmo arcabouço teórico e o mesmo percurso de formação.

1.3. COMO NOS CONSTITUÍMOS PROFESSORES?

Já que ser professor é um ato político, complexo, de diversas nuances, influências e escolhas, o que será que torna uma pessoa um educador? Será que são somente as disciplinas e os estágios que constam na grade curricular de cada curso que formarão os futuros docentes? Para refletir sobre estas questões recorre-se diretamente a Nóvoa e Selma Garrido Pimenta, por serem autores que pesquisam sobre o processo de formação da identidade docente, apontando para uma construção que é realizada de maneira múltipla e perene, sendo construída e reconstruída ao longo da trajetória de vida dos professores.

Respondendo aos questionamentos mencionados anteriormente, Nóvoa (1992, p. 13) afirma que:

> Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional [...] A formação não se constrói por acumulação (de curso, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Portanto, não são somente os conteúdos curriculares que nos formam como docentes, nos moldamos profissionalmente enquanto também nos construímos enquanto sujeitos. Todo percurso que percorremos como indivíduos terá reflexo na

nossa identidade profissional. Por isso, o autor defende a necessidade de constante (re)construção da identidade pessoal e construção de caminhos de autoformação, através da reflexividade crítica sobre suas práticas.

Devido a isto, o autor destaca a importância da experiência, uma vez que somente na atuação efetiva como professores é que se consegue definir que perspectiva docente se deseja lançar nas práticas educativas. As reflexões geradas através de problemas gerais e fictícios com os quais se têm contado no curso de graduação não são capazes de dar conta da complexidade que envolve a escola e a educação. Logo, os professores se descobrem e reformatam ao longo da sua trajetória e a experiência como docentes é fundamental para o processo de sua formação. É diante disto que Novóa defende a criação da casa comum como apontado no subcapítulo anterior, pois traz ao percurso formativo a possibilidade de troca de experiências com professores em atuação e um diálogo efetivo entre o lócus de formação - a Universidade - e o espaço de atuação - a escola.

Complementando Nóvoa, Pimenta (1999, p.18-19) afirma:

> A identidade não é um dado imutável. Nem externo que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. [...] Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão de tradições. Mas também na reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] Constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir dos seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos

Assim, demonstra que a identidade não é um dado pronto e acabado que pode ser obtido de maneira externa ao sujeito, ou conquistado seguindo um passo a passo, como se fosse uma receita de bolo a ser seguida. A identidade é construída ao longo da trajetória dos sujeitos, nas nossas relações com o mundo e com a sociedade que vamos nos constituindo enquanto indivíduos e enquanto profissionais docentes. Diante disso, não são quais disciplinas cursei na graduação de Pedagogia da UFES que dirão qual professora serei, mas a forma como me apropriei delas e os contextos e estudantes e colegas que atravessaram meu percurso de atuação.

Um exemplo claro é a disciplina de *Alfabetização*. Nela conhecemos diversas metodologias que foram e são utilizadas para alfabetizar ao longo da história, sendo

apontado para uma reflexão de que este processo precisa fazer sentido, por isso recomenda-se que ele não seja realizado através de textos artificiais, completamente desconectados da realidade como o *“Ivo viu a uva”,* que não possuem sentido e por isso não geram ligação nenhuma com os alunos. Contudo, mesmo assim, como professora posso desconsiderar todas as reflexões realizadas e utilizar de textos distanciados da realidade dos estudantes em minhas aulas, pois conforme apontado por Pimenta, a construção da identidade docente é realizada através do significado que cada professor dá à profissão enquanto autor e ator de sua história.

Pimenta (1999, p. 26) nos aponta ainda que "A especificidade da formação pedagógica, tanto inicial como contínua, não é refletir sobre o que se vai fazer, nem sobre o que se deve fazer, mas sobre o que se faz". Com isso, o processo de reflexividade do docente em formação não deve ser sobre que professor eu quero me tornar, qual escola eu desejo construir, mas sobre o que tenho feito enquanto aluno, quais têm sido minhas atitudes e minha postura, pois é através de uma ação reflexiva que constrói-se os saberes pedagógicos e a identidade docente, isto desde o processo formativo através do compromisso que se tem a formação que está construindo.

Se formar como educador, como nos apontam os autores, exige comprometimento, dedicação e constante criticidade a respeito do trabalho desenvolvido ao longo do percurso formativo. A formação docente se faz por meio da relação reflexiva com os textos, exemplos de professores que tivemos durante a formação escolar e acadêmica, filmes, notícias, música, sociedade e mundo. É necessário uma atitude ativa, questionadora e criativa para a formação do ser professor. Somente através de uma teia de relações que conseguimos compreender a formação docente. Por isso, a construção precisa ser entendida de maneira ampla e não exclusivamente através dos componentes curriculares. Veiga et al. (1997, p. 10) nos alertam que:

> [...] discutir a formação do pedagogo implica extrapolar os aspectos meramente curriculares, rumo a questões amplas que possibilitem análise mais contextualizadas, capazes de perceber as relações sociais em sua totalidade e a vinculação com a organização do trabalho pedagógico.

Conforme indicam os autores é necessário uma visão ampla da formação docente e entender o percurso formativo como um caminho trilhado no qual somos influenciados a cada passo. Diante disso, somos marcados por uma teia de relações que vão desde o exemplo de antigos professores à interação com os futuros colegas de profissão. A este respeito, Ivone Oliveira et al. (2008, p 13) nos alertam para necessidade de entender o professor como:

> [...] um ser de relações, constitui-se na relação com outros homens e a maneira como a dinâmica interativa delineia-se interfere em seu modo de conceber a realidade e a si próprio nesse contexto, bem como configura suas necessidades, desejo e vontade. Configura também seu modo de ver o trabalho docente, de se colocar nele e a energia mobilizada para o seu aperfeiçoamento.

É somente através do entendimento do docente como um ser formado através das relações com o outro e com o meio, como apontam Oliveira et al., que conseguimos ter a dimensão de uma formação na visão mais ampla. Pois é através destas interações que moldamos nosso modo de enxergar a profissão e nos relacionarmos com ela; seja por meio do modelo de professor que possuo como referência da minha formação básica, seja pela interação com os colegas de universidade ou na interação com os futuros colegas de profissão nos estágios, tudo isso tem influência meu percurso formativo.

A formação do professor se inicia através dos exemplos que se tem como aluno, aquele docente que toda vez que lembramos traz um quentinho no coração, assim como aquele educador que nunca mais queremos encontrar. Esses professores certamente possuem influências diretas no docente que seremos, pois nos oferecem exemplos práticos do que pode ser feito e também do que não se deve fazer. Eles demonstram de modo claro como o professor pode influenciar a vida e a aprendizagem do aluno, tanto de maneira positiva quanto de maneira negativa. A este respeito, Julia Rocha (2016, p. 401) nos aponta que as memórias construídas enquanto alunos são fundamentais para nosso percurso formativo:

> A partir das histórias de vida, compreende-se que a formação dos professores [...] se constrói dentro da perspectiva de que as identificações e os atravessamentos com professores ao longo da formação como sujeito escolares são parte constituinte de quem estes alunos serão enquanto professores. As memórias construídas como alunos em formação serão, portanto, parte dos critérios que determinarão a criação de uma identidade como educadores [...]

A afirmação de Rocha dialoga com as considerações de alguns colegas que trouxe no primeiro subcapítulo sobre o motivo de terem escolhido o curso de Pedagogia. Algumas das justificativas frequentes eram que foram motivados pelo exemplo de professores que tiveram e que marcaram estes alunos. Alguns apontavam os exemplos que repercutiram de modo positivo, sendo modelos a serem seguidos e outros indicavam que viam no curso a possibilidade de fazer diferente dos professores que tiveram.

Esse processo de formação terá ainda influências dos colegas de sala com os quais trocamos experiência em aula. Pois, no diálogo com o outro nos constituímos como pessoas e também como professores. Ao dividir uma dúvida ou experiência com um colega, conseguimos, através da reflexão conjunta, adquirir conhecimentos que talvez sozinhos demoraríamos mais a aprender ou até mesmo não aprenderíamos. Isso ocorre devido ao fato que diferentes pontos de vista podem juntos compor uma nova perspectiva sobre um acontecimento. Por isso, se faz necessário ressaltar a importância das trocas coletivas em sala de aula e do quanto elas ajudam a construir a formação docente.

Somando-se a isso, as representações sociais também são fundamentais para a construção da identidade docente. O modo como familiares, amigos, vizinhos e a sociedade de modo geral veem o professor pode colaborar como um incentivo ou como desestímulo na relação com a profissão. Esse olhar pode ser combustível para mudanças, assim como pode ser um convite a reflexões múltiplas e estão manifestos nas músicas, filmes, livros e outros produtos culturais. Nesse sentido, gostaria de fazer um convite a uma breve reflexão através da letra da música Pedagoginga, de Thiago Elniño, com participação de Sant e Kmkz:

> Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava
> Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava
> Ela explicava, explicava, querendo que eu
> Criasse um interesse num mundo que não tinha nada haver com o meu
> Não sei se a escola aliena mais do que informa
> Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá
> Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
> Depende da história contada e também de quem vai contar
> Pra mim contaram que o preto não tem vez
> E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me disse o contrário
> A escola sempre reforçou que eu era feio
> O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra caralho
> O Hip-Hop me falou de autonomia
> Autonomia que a escola nunca me deu
> A escola me ensinou a escolher caminhos
> Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu (EL NIÑO, 2017)

Através das rimas de Thiago El Niño somos convidados a refletir sobre o sistema educacional e também sobre o papel do professor. Essa reflexão é um convite a sair da zona de conforto, a enxergar os diversos reflexos que a escola pode ter sobre a vida das pessoas e também nos mobiliza a pensar que educação não é feita somente nas escolas ou em sistemas oficiais de ensino.

A letra da música nos aponta sobre o processo de apagamento da cultura negra realizado tradicionalmente pelas escolas, processo esse que precisa ser questionado, uma vez que através da Lei 11.645, de 10 de março de 2008, temos a determinação da obrigatoriedade do ensino e valorização da história afro-brasileira e indígena. Dialogando com o exemplo indicado pela música, Djamila Ribeiro (2019, p. 62) referenciada em Sueli Carneiro apresentará o conceito de epistemicídio, onde "[...] o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual". Ribeiro (2019, p. 7) também nos relata que foi somente através do processo de escolarização que se descobriu enquanto negra através do racismo sofrido de seus colegas. Deste modo, é necessário pensar a responsabilidade dos professores na construção do espaço educativo, seu papel de mediador nas relações entre os pares e suas escolhas curriculares e metodológicas.

As palavras de Thiago El Niño nos demonstram uma escola e uma docente engessadas, que desconsideram as vivências dos alunos, que se constituem como mundos à parte da realidade dos alunos e por isso marginalizam e afastam os discentes. Conforme apontado anteriormente, citando Freire e Rancière, é necessário levar em consideração os conhecimentos dos alunos, reconhecer sua realidade social e seus interesses, para que os processos de ensino e aprendizagem tenham significação para os sujeitos envolvidos.

O exemplo da letra da música é apenas um demonstrativo da potência que a reflexão sobre as representações sociais possui no percurso formativo e também para refletir sobre os artefatos culturais de identificação da figura do docente que são propagados para fora do espaço escolar. Desconsiderar o que a sociedade tem a dizer da escola e dos professores é um grande erro, visto que a escola não pode se fechar em si mesma. Nóvoa (2009) aponta a necessidade de maior comunicação

entre a escola e a sociedade, pois, segundo o autor, este debate possui potência para evolução e transformação da educação.

Convites provocadores, como o da letra da música citada, assim como representações positivas da profissão docente, seja em filmes, notícias ou tantos outros artefatos da cultura visual, são importantes fontes de reflexões múltiplas sobre a profissão docente. Considerar as críticas, assim como os elogios sobre a profissão é fundamental na formação, uma vez que elas também apresentam exemplos do reflexo da educação na vida das pessoas.

Outro exemplo que podemos citar do poder formativo das representações sociais a respeito dos professores são os filmes. Alguns deles retratam como o docente pode transformar o meio em que vive, reforçando assim o ideal de que o professor, desde que seja esforçado, pode salvar seus alunos através da educação. Deste modo, se faz necessário bastante cuidado na análise de filmes e de como eles nos afetarão, pois como já afirmamos, a educação não pode dar conta de todas as mazelas sociais. Buscaremos realizar uma análise mais detalhada sobre a representação do professor no cinema no capítulo três, a partir da análise de três produções audiovisuais.

Diante de tudo que foi exposto ao longo deste subcapítulo, podemos afirmar que a construção do ser professor é uma construção coletiva, que se elabora de forma perene e que atravessa diferentes artefatos sociais. Nóvoa (2019, p. 10) será incisivo na afirmação que precisamos de outros colegas para nos tornar professores:

> Ninguém se integra numa profissão sozinho, isoladamente. Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas. Ninguém, sozinho, domina completamente a profissão como tantas vezes nos tem alertado Sérgio Niza (2012). Precisamos dos outros para nos tornarmos professores.

Logo, não me torno docente apenas através da minha força de vontade e minha dedicação nos estudos, na contramão do que muitos artefatos visuais parecem documentar. Me torno educador através das trocas que tenho com os colegas de universidade, com os professores - tanto universitários, quanto do ensino básico -, com as leituras realizadas, com as músicas escutadas, com os filmes e séries que assisto, sempre refletindo sobre o quanto tudo isso me afeta e me transforma. Como apontam Margarete Góes e Maria Angélica Vago-Soares (2022) “é no aprender e ensinar que a formação docente se constitui [...] entendemos que a

formação não se encerra, ela é constante". Deste modo, uma frase de uma colega pode ecoar durante toda a formação e encontrar nas leituras e nas conversas outros significados e novas formas de enxergar a profissão; da mesma forma que as músicas, os filmes e séries podem moldar o modo como visualizo e como me relaciono com o fazer docente, uma vez que a formação da identidade de professora não se encerra em uma listagem curricular, mas é atravessada pelo desenvolvimento pessoal e pela trajetória de vida de cada discente.

2. O CINEMA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

“Nossas vidas não são filmes, mano”
Sant

Somos cercados por imagens, durante nosso trajeto para escola, universidade ou trabalho, nos deparamos com anúncios publicitários, *giroflex* de ambulâncias e viaturas, semáforos, vitrines, placas de trânsito, grafites e pichações, as imagens nos rodeiam e também comunicam. Com um simples círculo vermelho conseguimos entender que não se deve passar, já se o círculo fica verde se entende que está autorizado a caminhar, assim como o *giroflex* ligado diz sobre a prioridade de veículos de emergência, de igual modo os anúncios apontam para a necessidade de compra de determinado produto. O fato é que as imagens permeiam nosso cotidiano e também comunicam, orientando nossas condutas e criando desejos.

Imagens estas que são utilizadas pelo mercado publicitário para vender não somente produtos como também modo ser, bem como são utilizadas pelo cinema para construir narrativas e realizar aproximações que levam à construção de identidades e subjetividades. Diante deste cenário, o presente capítulo busca demonstrar que apesar de nossas vidas não serem filmes, elas são influenciadas diretamente não somente pelas narrativas audiovisuais, como também pelas imagens que perpassam nosso cotidiano, uma vez que são formadoras de repertório e identidades. Com isso, o capítulo é um convite para pensar sobre o poder formativo das imagens publicitárias e do cinema e a forma como esses produtos culturais têm sido veiculados para construir subjetividades, reverberando, no caso específico da pesquisa, na construção da identidade docente.

2.1. A IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE DESEJO

As imagens estão cada vez mais presentes nos cotidianos da sociedade contemporânea, seja nas redes sociais, nos sites e aplicativos de *streaming*, nas novelas e na televisão de modo geral, nos painéis publicitários que ficam exibidos pelas cidades, nas vitrines, nos cartazes de avisos de estabelecimentos comerciais, de ensino, hospitalares, entre tantos outros. Como futuros professores podemos pensar ainda nas imagens que permeiam o cotidiano escolar, os alfabetos ilustrados nas salas de alfabetização, as exibições das produções dos alunos, os murais

comemorativos e os quadros de avisos. Diante deste cenário que Góes e Vago-Soares (2022) apontam que “atualmente vivemos em rede, atravessadas/os pela cultura visual [...] Somos influenciados pelas culturas que nos circulam”.

A realidade é que vivemos em um mundo permeado pelas imagens; é diante desta profusão da produção e propagação delas que María Acaso e Clara Megías (2017) nos convidam a pensar o seu poder formativo, do quanto afetam e constroem formas de ver o mundo. O primeiro apontamento que as autoras trazem é de que as imagens constituem a linguagem visual, portanto comunicam e têm algo a dizer, logo precisam ser entendidas desta forma, como uma linguagem onde uma mensagem está sendo passada - seja ela implícita ou evidente. Essas mensagens são formativas e continuamente constituem nossa identidade, sendo necessário apontar para o fato de que as imagens não só produzem discursos, como também moldam nossa personalidade.

> As imagens não só relatam ou enunciam discursos, mas as imagens fazem com que nos sintamos mal, [...] nos fazem odiar, gritar e, fundamentalmente, nos fazem comprar. As imagens, portanto, têm consequências; não só ilustram, decorram ou adornam: as imagens nos transpassam. (ACASO; MEGÍAS, 2017, p. 3)

Deste modo, faz-se necessário o entender o poder formativo das imagens e vê-las de modo crítico, sempre analisando o modo como têm nos atravessado. Cabe, portanto, pensar nas imagens com as quais temos contato diariamente através da televisão e das redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp* ou *Twitter*: quanto e de que modo elas nos afetam? O fato é que as imagens não somente ilustram a realidade, elas trazem consigo enunciados, possuem a capacidade de dizer quais comportamentos são ou não adequados a partir das suas representações, conseguem, deste modo, nos atravessar e moldar a forma como enxergamos e nos relacionamos com o mundo.

Devido a esta capacidade de persuasão das imagens, elas são tão utilizadas pelo mercado publicitário, porque os artefatos visuais conseguem nos influenciar e fazer acreditar que precisamos deste ou daquele item para sermos felizes. Como apontam Acaso e Megías (2017), as imagens podem nos fazer odiar algo, assim como também podem nos impelir a amar ou querer ser como alguém, porque a vida demonstrada em comerciais constrói um ideal de vida objeto de desejo.

A imagem preconiza a vontade projetada do ser; Acaso (2016, p. 23) aponta que “[...] os indivíduos se apropriam das características das representações visuais adotando como se fossem representações de si mesmo”. Logo, se uma atriz se torna atraente ao utilizar um perfume de uma marca específica, a publicidade vende a ideia de que se eu utilizar o mesmo produto terei os mesmos resultados de beleza, sedução e conquista vendidos na propaganda. O que está sendo comercializado por meio da imagem, portanto, não é somente o produto em si, mas o modo de vida atrelado à imagem do produto que a publicidade consegue construir enquanto narrativa. Devido a este fato, Raimundo Martins (2006, p. 70) aponta que: “Melhor do que qualquer um de nós, executivos de empresas de publicidade sabem muito bem que as imagens ‘têm pernas’, ou seja, têm ‘uma surpreendente capacidade para criar novos direcionamentos e viradas surpreendentes’”.

Conforme indicado por Martins (2006), as propagandas têm o poder de criar novos direcionamentos, de projetar tendências e ditar comportamentos e os publicitários sabem muito bem disso. O autor evidencia que a indústria da comunicação tem consciência do poder discursivo das imagens, do quanto elas perpassam imaginários e são capazes de moldar identidades e se utiliza disso como poder narrativo para formação de público e construção de consumidores. Diante disso, o campo da publicidade se vale do apelo do artefato imagético para vender um modo de vida com seus produtos, que, por consequência, se torna objeto de desejos.

O efeito de consumo acaba não se limitando mais somente àquilo que se comercializa como ponto de partida, mas também circula em torno dos próprios produtos visuais construídos por essa indústria da comunicação, formando públicos como consumidores ativos do veículo publicitário. Assim sendo, Douglas Kellner (2011, p. 108-109) aponta que a publicidade é também uma pedagogia:

> [...] que ensina os indivíduos o que eles precisam e devem desejar, pensar e fazer para serem felizes, bem-sucedidos [...]. A publicidade ensina uma visão de mundo, valores e quais comportamentos são socialmente aceitáveis e quais são inaceitáveis. [...] Ela também pode ser uma das principais forças de moldagem do pensamento e do comportamento.

Deste modo, podemos verificar o poder do mercado publicitário, que utilizando-se das imagens, consegue moldar pensamentos e comportamentos, ensinando uma visão de mundo capitalista onde para se agregar valores é

necessário ter bens de consumo, sejam eles apartamentos, carros luxuosos, roupas da moda ou estilos de vida, modos de organizar o tempo e modificações estéticas do corpo. Acaso (2016) pontua que “quem manipula a cultura visual possui o poder de construir a identidade das sociedades ocidentais atuais, a identidade do consumidor. Somos o que consumimos, o que compramos e o que pagamos”.

A formação dos consumidores está vinculada não somente ao que efetivamente se adquire como produto, também responde ao poder construtivo das imagens em relação à identidade. Kellner (2011, p. 110) é enfático ao pontuar o poder pedagógico das imagens e da publicidade, uma vez que “numa cultura pós-moderna da imagem, os indivíduos obtêm suas próprias identidades a partir dessas figuras e a publicidade se torna, assim, um mecanismo importante e negligenciado de socialização [...]”. Logo, as propagandas dizem não somente o que comprar, mas também pontuam como se deve comportar e moldam identidades. Amanda Lovelace (2021, p. 12) corrobora em seu poema com o apontado por Kellner e Acaso sobre o poder do mercado publicitário:

> dentro do minúsculo provador, ela enfia um vestido atrás do outro como se tentasse se enfiar na vida de outra pessoa.
> *- para seu desalento, o reflexo no espelho continua sendo igual*

O poema demonstra a busca de uma mulher por se tornar uma outra pessoa, como aquela que viu nos comerciais ou talvez em uma postagem nas redes sociais; para isso ela acredita que é através de um bem de consumo, no caso o vestido, que alcançará o modelo almejado. A respeito dessa busca que Acaso reflete quando refere-se que a autoimagem moderna está associada ao consumismo, pois somos aquilo que conseguimos comprar e cremos conseguir mudar quem somos e a vida que levamos através daquilo que compramos.

Diante deste cenário se faz necessário um olhar crítico para imagens conforme nos apontam Kellner, Acaso e Megías, pois não somente comunicam como também transpassam e constróem identidades, logo se não tenho um olhar atento para elas, mais facilmente elas poderão me influenciar e determinar a forma como me enxergo e me comporto.

2.2. O CINEMA ENQUANTO PRODUTOR DE IDENTIDADES

Inicialmente dedicado a reprodução de um espetáculo teatral filmado, o cinema torna-se pouco a pouco, conforme aponta Marcel Martin (2005, p. 22) “uma linguagem, isto é, um processo de conduzir uma narrativa e de veicular ideias [...]”, capaz desta forma, assim como o mercado publicitário, de moldar identidades. Através de seus recursos, como trilha sonora e efeitos especiais, o cinema consegue emocionar, entusiasmar, prender a atenção, causar adrenalina, enfim atravessar as pessoas e com isso passar a fazer parte do repertório cultural. Enquanto indivíduos somos constituídos como seres sociais através deste repertório, pois é através dele que nos aproximamos de determinados grupos e nos sentimos pertencentes a ele e também nos diferenciamos e distinguimos de outros, deste modo moldamos nossa personalidade e identidade. Robson Santos e Felipe da Costa (2008, p. 39-40) apontam que:

> A identidade é a definição de um grupo sobre si mesmo e sua trajetória, social, cultural e histórica, ressaltando suas diferenças sobre o outro. [...] A identidade e a diferença com o outro se aproximam e se distanciam no campo das representações, que são construções dependentes de necessidades e interesses. Os meios de comunicação, entre eles os cinemas, são primordiais na mediação dessas representações. Auxiliam na produção da identidade cultural de um grupo.

Deste modo, o cinema se caracteriza como um importante meio na produção de identidades, uma vez que através das sua representação é capaz de vincular ideias e valores, construir um campo de representações e, tal como a publicidade, projetar desejos. Os textos vinculados nos filmes têm o objetivo de realizar aproximações e identificações com os personagens através das narrativas envolvidas no enredo e na forma como a história é contada visualmente, dessa forma o ideário social é persuadido a realizar associações entre o filme e a realidade.

É neste momento que entra o poder pedagógico do audiovisual, capaz de construir modos de se conceber e entender o mundo, de transmitir valores e com isso elaborar subjetividades que demarcarão as identidades. É diante deste cenário de aproximações entre realidade e filme que Henri Giroux (2011, p. 149) nos alerta para a necessidade de entendimento do cinema como um aparato de construção de subjetividades e identidades:

> Como textos de cultura popular, esses filmes operam através de uma série de práticas ideológicas e discursivas que são tanto pedagógicas quanto políticas. Como parte de um aparato cultural mais amplo, essas práticas estabelecem a importância do filme como um aparato pedagógico ativamente envolvido na formação de diferentes subjetividades sociais e também na construção de identidades nacionais [...].

Giroux nos aponta que, assim como mercado publicitário, a indústria do audiovisual possui uma pedagogia própria, pois é capaz de construir e moldar subjetividades, podendo ser utilizada na construção de identidades regionais e nacionais. Um exemplo claro é o cinema nacional que foi e é utilizado para moldar e construir uma identidade brasileira. Santos e Costa, através da análise dos cinco primeiros filmes pré-indicados ao Oscar (Figura 1) no início do século XXI demonstram a construção de uma identidade nacional vinculada através do cinema, sendo esses filmes *Abril Despedaçado* (2001)*, Cidade de Deus* (2002)*, Carandiru* (2003)*, Olga* (2004) *e 2 Filhos de Francisco* (2005)*.* Com esse sentido, cabe ressaltar a fala de Gilberto Gil, enquanto Ministro da Cultura, citada pelos autores (2008, p. 41) , definindo o objetivo do cinema nacional como:

> [...] um cinema que reflita a dimensão da nossa grandeza cultural, territorial e econômica, de uma expressão audiovisual que reflita e energize nossa consciência de nacionalidade e nossa soberania, que apresente com luz própria, para nós e para o mundo inteiro, nossa maneira brasileira de ser.

Assim sendo, pode-se visualizar o entendimento do cinema pelo Ministério da Cultura como um veículo de representação capaz de construir e energizar, conforme aponta Gil, a consciência nacional, a forma que nos enxergamos enquanto população e nação brasileira. A este respeito, Santos e Costa (2008) alertam sobre o perigo de caracterização de um país de dimensões continentais, com uma diversidade de culturas e etnias em uma única identidade, trazendo uma figura caricata do povo brasileiro, incapaz de refletir nossa diversidade. Por isso, os autores apontam “que o único modo de ser nacional no Brasil é ser, primeiro, regional”. Por essa perspectiva, demarca-se como é necessário desenvolver criticidade em torno das produções, para entender que os universos retratados nas obras podem ser mais do que aquilo que está sendo representado nos produtos audiovisuais, como filmes, novelas e séries.

Figura 1: Cartazes dos filmes brasileiros pré-indicados ao Oscar entre os anos de 2000 a 2005

Em sua análise sobre *Abril Despedaçado, Cidade de Deus, Carandiru, Olga e 2 Filhos de Francisco,* os autores indicam que cada um a seu modo, os filmes apontam para uma identidade nacional construída através do ideal de que "*sou brasileiro e não desisto nunca*", onde, apesar de todas as dificuldades vividas, os personagens principais buscam seus sonhos e ideais através da superação. Desta forma, a mensagem a ser assimilada pela população é de que é necessário esforço e dedicação para superação dos percalços da vida. Em *Abril Despedaçado* é possível visualizar um Brasil do sertão brasileiro, marcado por tradições violentas, onde Pacu, um jovem sonhador e Tonho seu irmão mais velho buscam superar as tradições e se libertar das violências geradas por elas. Já em *Cidade de Deus,* é retratado um país também marcado pela violência, desta vez representada pelas favelas, onde se quebra o estereótipo de que todo o favelado é ladrão, assassino ou traficante, pois mostra também pessoas de bem e trabalhadoras, evidenciado Buscapé, que apesar de crescer em um ambiente violento consegue realizar seu sonho de ser fotógrafo.

Em *Carandiru* é apresentado um Brasil invisibilizado, através das histórias dos detentos que são representados no filme. Deste modo traz à tona a violência incrustada, mas também uma face humanizada dos detentos, apresentando também o amor do brasileiro ao futebol. Em *Olga* temos um país dividido na guerra entre capitalismo e socialismo, onde são demonstrados brasileiros que buscam seus ideais e não desistem apesar das dificuldades. Por último, em *2 Filhos de Francisco* é retratada a busca de um sonho de sucesso de uma família, que não desiste até conseguir realizá-lo.

Na síntese breve dos filmes consegue-se visualizar o apontado pelos autores, a construção de uma identidade nacional marcada pelo ideal de que o brasileiro é

guerreiro e não desiste nunca, bem como é possível visualizar um Brasil atravessado pela violência e exclusão. A partir destes exemplos pode-se demarcar o poder formativo do cinema, do quanto ele é capaz de vincular valores e ideais, pois os filmes apresentados mostram uma forma de ser brasileiro que permeia o imaginário social não só nacional, mas também internacional, conforme apontado por Gilberto Gil, sendo necessário ainda frisar que estes filmes foram indicados ao Oscar e por isso ganharam visibilidade internacional.

Outro exemplo do poder formativo do cinema está no quanto os filmes da Disney e de Hollywood moldaram e moldam até hoje a forma como a sociedade enxerga as mulheres, quais são os padrões de beleza, de comportamentos e de relacionamentos aceitáveis e desejáveis. Novamente recorre-se a poeta Lovelace, pois em seus livros nos demonstra o poder formativo dos contos de fadas da Disney contrastando com suas vivências amorosas e cotidianas, sempre ressaltando o quanto buscar por este ideal de vida possui marcas de frustrações em sua experiência pessoal, como podemos visualizar em seu poema (2017, p. 13):

> ah, a vida
> a coisa que acontece
> conosco
> enquanto estamos distraídos
> em algum outro lugar
> soprando
> dentes-de-leão
> & desejando
> estar nas
> páginas do
> nosso conto de fadas
> favorito.

Através da escrita de Lovelace pode-se verificar o quanto as histórias de conto de fadas possuem uma enorme influência na formação da identidade de garotos e principalmente de garotas, uma vez que essas imagens permeiam o imaginário social desde a primeira infância, constituindo as referências visuais durante o desenvolvimento e demarcando papéis sobre feminilidade e representação social das mulheres. Neste poema, Amanda Lovelace demonstra uma experiência da nossa sociedade, o sonho em viver um conto de fadas ou de vivenciar aquela experiência de um filme romântico, de aventura, algo altamente entusiasmante. Enquanto isso, conforme a autora aponta, a vida acontece e por vezes isto faz com que as pessoas se sintam frustradas, pois os ideais vendidos pelos filmes e almejados não são reais. Este exemplo marca parte do poder formativo que o

cinema possui, pois transmite valores e simula a realidade, fazendo com que se acredite que as imagens e as narrativas das produções audiovisuais são a realidade em si e que se busque viver aquela história ficcional.

Outro ponto que podemos ressaltar a respeito do poder formativo das produções fílmicas está no quanto este mercado se adapta de acordo com o contexto histórico em que se vive. Seguindo nos exemplos dos filmes de princesas produzidos pelos estúdios Disney, pode-se notar como anteriormente se restringiam a retratar como protagonistas personagens brancas, de cabelos lisos e olhos claros, permeadas pela inocência e doçura, que ditaram por décadas um ideal de mulher que deveria ser alcançado pelas meninas, mas que hoje passam a ser reconfiguradas em alguns poucos exemplos. Recentemente podemos visualizar com os avanços no campo da representatividade novas identificações de protagonistas, princesas e heroínas, que ampliam as formas de representação e fogem do padrão até então determinado, tais como Moana, Mérida, Pocahontas e Mulan (Figura 2). Com isso, é possível verificar que ao mesmo tempo que as imagens constituem o mundo e a forma como o enxergamos, elas também são atravessadas e construídas pelo contexto histórico, refletindo as discussões que perpassam o contexto social, político e econômico em que são produzidas.

Figura 2: Montagem com algumas princesas da Disney

Enquanto consumidores do campo da visualidade, é necessário a compreensão constante de que filmes, novelas e séries não retratam a realidade em si, mesmo se foram baseados em fatos reais. As produções audiovisuais refletem escolhas narrativas e retratam ao menos um ponto de vista a respeito da história contada, não são a história em si, pois envolvem a camada da interpretação do fruidor que consome dos produtos imagéticos. Este entendimento é preciso pois, como aponta Giroux (2011, p. 150), “as imagens eletronicamente mediadas, especialmente a televisão e o filme, representam uma das armas mais potentes de

hegemonia cultural no século XX". Logo, as histórias são contadas a partir de um ponto de vista específico e possuem consigo o objetivo de moldar relações e valores sociais demarcados por uma indústria que vende não somente produtos, mas implicitamente desejos e subjetividades latentes atreladas aos artefatos audiovisuais.

Posto isso, podemos concluir que a indústria do cinema e da produção televisiva se apropriam do contexto histórico, econômico e político e possuem poder formativo para construir e moldar papéis sociais. Essa relação está presente na projeção de diferentes identidades que ocupamos socialmente, dentre elas a função docente. Inúmeros são os exemplos de produções audiovisuais que retratam contextos educacionais, criando nos diferentes públicos um ideário a respeito dos papéis dos sujeitos que compõem o campo. Por isso, precisamos pensar como as apropriações desses produtos são realizadas e como elas nos afetam enquanto profissionais em formação. Quantos desejos e ideais as produções audiovisuais nos trazem sobre a profissão docente e o papel do professor?

2.3. UM POUCO DA DOCÊNCIA NO CINEMA

Foi refletido ao longo do primeiro capítulo a formação da identidade docente, sendo apontado para o fato de que ao longo do processo constitutivo do compreender-se professor as representações, presente em filmes, músicas e séries, são fundamentais. Já no decorrer deste segundo capítulo tem sido trabalhado o poder formativo das imagens e do cinema enquanto representação capaz de indicar modos de ser e estar no mundo. Estes pontos convergem no último capítulo através da análise de três filmes selecionados, *Escritores da liberdade (2007)*, *Vermelho como o céu* (2006) e *Como estrelas na Terra: toda criança é especial (2007)*, visando pensar sobre a construção de um perfil idealizado de professor que vem sendo vinculado pelo cinema. Contudo, estes filmes não são os únicos a refletir sobre a profissão docente. O cenário escolar é plano de fundo para diversas produções audiovisuais, onde professores são retratados tanto enquanto personagens principais, como também enquanto personagens secundários.

Existem ideais de professores que perpassam o imaginário social que são reforçados pelas produções audiovisuais, criando estereótipos sobre o fazer

docente. Quantas vezes ao assistir filmes em que havia personagens na figura de professor não comparamos com docentes que tivemos, seja através de suas semelhanças, seja na comparação de desejar que o nosso professor fosse como aqueles dos filmes, séries ou novelas? A verdade é que existem cristalizadas no nosso imaginário duas principais figuras docentes repetidas continuamente pelas produções fílmicas, formando com isso o estereótipo do professor autoritário e do professor sensível.

O professor autoritário é aquele apegado às regras e à disciplina, muito marcado pela rigidez, pela necessidade de ser ouvido e nunca ser questionado. Constrói com isso uma relação vertical com os alunos, onde ele é o centro do processo de ensino e aprendizado, visão criticada por Freire (2020) e Rancière (2018) como apontado anteriormente, pois os autores entendem que a aprendizagem é realizada em conjunto. Este docente tem sua ação fundamentada em uma educação que prepara o aluno para o mercado de trabalho onde o ato disciplinador é fundamental, por isso os alunos devem se comportar, ser obedientes e não podem questionar a figura do professor. Diante dessa representação, temos um professor rígido, que não pode ser confrontado, que precisa ser obedecido.

As produções do cinema apresentam esse arquétipo docente em muitos exemplos, se não como foco central, como contraponto dos personagens protagonistas. Um exemplo que demonstra a atitude deste tipo de professor ao ser questionado dentro da sala de aula está em uma cena (figura 3) do filme O *Jeremias* (2015), onde aluno é expulso da sala de aula por questionar sua professora, apesar de seu apontamento estar correto. A professora considera uma afronta ser questionada pelo aluno, pois entende que ela como autoridade máxima da sala não pode ser questionada.

Figura 3: Cena do filme *O Jeremias,* onde Jeremias é expulso da aula

Este modelo de professor se baseia ainda na crença, conforme crítica Rancière (2019), de que a aprendizagem de seus alunos depende centralmente dele, por isso isso busca o que considera os melhores meios para que os discentes aprendam e deseja sua atenção máxima, esquecendo-se que num processo de ensino e aprendizagem ambos se educam mutuamente, como aposta Freire (2020). Outro exemplo deste professor vinculado pelo audiovisual é o dorama[1] *Intensivão do Amor (2023)*, onde o professor Choi (Figura 4) representa o melhor modo de se aprender matemática em toda Coreia do Sul e que garante aos seus alunos após suas aulas melhorarem seu desempenho nos vestibulares.

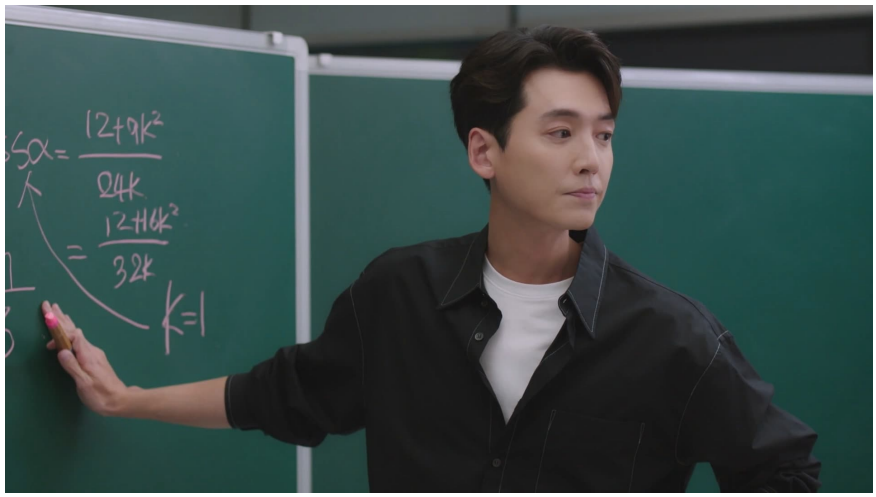

Figura 4: Cena do dorama Intensivão do Amor, onde Choi ministra sua aula particular

Podemos verificar, deste modo, que o professor autoritário é baseado em uma educação que visa preparar o aluno para o futuro, sendo este futuro entendido como o vestibular e o mercado de trabalho. A perspectiva vai de encontro a uma leitura freiriana de educação, pois não se baseia em processos de aprendizagem que buscam o desenvolvimento integral do aluno, visando desenvolver a criticidade e a reflexividade.

Já o estereótipo do professor sensível leva nosso imaginário a pensar em um docente que busca ouvir os alunos, atento às suas demandas, buscando estabelecer uma relação horizontal com os discentes. Diferente do professor autoritário, que tem seu processo de ensino fundamentado na crença de ser o centro da aprendizagem, quando pensamos no professor sensível, consideramos um

[1] Produções audiovisuais dramáticas muito populares nas emissoras asiáticas, que vem se popularizando também no ocidente. Possuem formatos semelhantes a séries, com lançamento de episódios semanais.

discente que busca estabelecer em sua sala de aula um local onde os alunos possam ter voz e colocar suas demandas em pauta, sabendo que serão ouvidas.

Este modelo trata de um professor que está sensível ao que os alunos vivenciam em seu cotidiano, pois sabe que as experiências extraescolares influenciam diretamente no desempenho em sala de aula. O professor Vicente (Figura 5), da novela *Rebeldes Brasil (2011)*, é um exemplo deste professor retratado em uma produção audiovisual. Ele é visto pelos seus alunos como um amigo, com o qual podem trocar experiências, que irá considerar suas vivências e explorá-las em suas aulas.

Figura 5: Cena da novela Rebeldes Brasil, onde Vicente leciona uma aula de literatura

Dentro da sala de aula deste tipo de docente o aluno tem lugar para se colocar, emitir opiniões, trazer questionamentos e experiências pessoais, pois o professor entende que isso enriquece a aula e torna o aprendizado coletivo, mais significativo e próximo do contexto dos estudantes. Deste modo, todos potencialmente aprendem, inclusive o próprio professor, através da troca das informações e vivências construídas, fazendo com que todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem tenham a centralidade, não estando mais ela somente na figura do docente.

A imagem do professor sensível é construída também atrelada a dedicação que possui com seu trabalho. É uma pessoa esforçada e dedicada, que busca superar todas suas limitações para possibilitar aos alunos o melhor processo de

aprendizagem. É um profissional comprometido com seu trabalho, isso é com a formação de seus alunos. Um exemplo é o professor Cohen (Figura 6) do filme *O primeiro da Classe (2008)*, que possui a Síndrome de Tourette e se esforça ao máximo para superar suas dificuldades e se tornar professor, sendo extremamente dedicado.

Figura 6: Cena do filme o primeiro da classe, onde Cohen prepara sua aula

Assim sendo, compreendendo os dois arquétipos mais recorrentemente apresentados nos filmes que retratam professores, pode-se analisar como o audiovisual auxilia a construir e solidificar no imaginário social modos possíveis do fazer docente, pois através das suas representações narrativas e visuais corrobora para produção de ideias sobre a profissão. Possuindo o poder de reforçar a ideia da contraposição entre o professor sensível e o professor autoritário, como se existissem apenas estes dois modos de ser professor e como se fosse possível ser apenas uma coisa ou outra. Como se os docentes não fossem uma construção algumas vezes mais coesa e coerente, outras nem tanto, formada através da mistura destes dois estereótipos. Este poder que as produções audiovisuais possuem se encontra no fato de as imagens serem uma linguagem que está sempre nos comunicando, conforme apontam Acaso e Megias (2017), por isso a necessidade de um olhar crítico a seu respeito.

Estas reflexões indicam apenas algumas considerações de como a docência está representada nas produções audiovisuais e demarcam, de alguma forma, o processo de construção da identidade docente através das representações de professores no cinema. A partir desta perspectiva de que os filmes que retratam docentes possuem reverberações no modo como enxergamos a profissão, que o

presente trabalho buscará desenvolver no próximo capítulo uma análise mais acurada dos filmes *Vermelho como o céu, Como estrelas na Terra: toda criança é especial e Escritores da liberdade*, visando entender de que forma eles falam sobre ser professor e como os personagens docentes são representados.

3. O QUE OS FILMES NOS DIZEM SOBRE A DOCÊNCIA

“[...] e vê de outro ângulo o enredo
É difícil igual transcender”
Sant

Conforme vem sendo construído ao longo deste texto, a formação docente é perpassada pelas representações sociais a respeito da profissão, seja através das músicas, da opinião de familiares e amigos, entre outros, sendo o cinema fundamental nessa construção. Como apontado no capítulo anterior, as imagens possuem alto poder formativo e o cinema também contribui para construir identidades e modos de ser, diante deste cenário se faz necessário um olhar atento para produções audiovisuais que retratam contextos escolares. Sendo preciso pensar como os filmes que retratam a profissão docente nos toca no sentido de que professor desejamos ser? Quais ideais apresentam e nos vendem através de seus roteiros e narrativas?

Por isso, esse último capítulo buscou analisar três filmes que retratam a profissão docente, pensando como eles nos falam sobre ser professor e a forma como permeiam nosso imaginário social. Para isso, primeiro é demarcado o recorte para seleção dos filmes, passando por uma apresentação dos enredos, com o objetivo de contextualizar o leitor sobre os personagens e as narrativas, chegando à análise dos perfis docentes apresentados. Por fim, é feito um convite para analisar os filmes através de um outro ângulo, para além de um simples consumo passivo, buscando pensá-los como produções que impactam a idealização da profissão docente.

3.1. JUSTIFICANDO O RECORTE DA PESQUISA

As produções audiovisuais que retratam as escolas e consequentemente os professores são muitas (Figura 7); existem novelas ambientadas em colégios como *Malhação Viva a Diferença* (2017-2018) *e Rebeldes* (2011-2012), assim como filmes americanos que retratam a adolescência e com isso também suas relações na escola e com os professores, como *Quase 18* (2016)*, As Vantagens de ser Invisível* (2012) *e Com amor, anônima* (2021), tal como filmes e séries dedicados a retratar a

vida de professores, como *O primeiro da classe* (2008), *Abbott elementary (2021-2023)* e *Merlí* (2015-2018).

Figura 7: Montagem com alguns professores presentes no audiovisual

Deste modo, o repertório possível para realização da análise do impacto do cinema e demais produções audiovisuais na forma do saber fazer docente se torna extenso, o que faz com que sejam necessários critérios para escolhas dos filmes a serem utilizados neste trabalho. Para melhor compreensão, buscarei apontar o caminho para a escolha dos objetos de estudo da presente pesquisa antes de prosseguir com a análise.

Como este trabalho buscou abordar o aspecto subjetivo da formação, uma vez que cada aluno possui através de sua vivência um atravessamento diferente da graduação e de seus conteúdos, opto por utilizar os filmes que foram indicados pelos meus professores nas aulas ao longo do percurso da graduação e que, deste modo, perpassaram meu percurso formativo e contribuem para a profissional que serei. Realizando uma busca na memória, nos planos de ensino das matérias cursadas e também pedindo ajuda aos colegas da turma, foi possível listar entre estes filmes: *Vermelho como o céu* (2006), *Escritores da liberdade* (2007), *Entre os*

muros da escola (2008)*, Como estrelas na Terra: toda criança é especial* (2007)*, O primeiro da classe* (2008)*, Espero tua revolta* (2019) *e Gaby - Uma História Verdadeira* (1987).

Estes filmes foram utilizados em diferentes disciplinas durante a graduação - tais como *Psicologia da Educação*, *Currículo I* e *Educação Especial* - buscando fomentar a reflexão a respeito da profissão, sempre com os professores nos convidando a refletir sobre suas limitações, sobre a figura do professor e sobre o sentido que a escola ganha na vida dos alunos e dos docentes. De maneira metodológica os professores nos convidavam a assistir os filmes e realizar um resumo reflexivo do enredo ou responder algumas questões que tinham como objetivo gerar um movimento de análise das produções audiovisuais e do que elas nos diziam sobre a profissão docente. Alguns dos professores buscavam também realizar uma discussão com toda a turma, o que proporcionava que pudéssemos visualizar o que mais chamou atenção dos demais colegas e refletir coletivamente sobre as narrativas sugeridas pelos filmes escolhidos.

Entre as sete obras indicadas pelos professores e utilizadas em aulas foram selecionados três filmes para uma análise mais acurada: *Vermelho como o céu, Escritores da liberdade e Como estrelas na Terra: toda criança é especial.* A escolha por essas três produções audiovisuais se deu por demonstrarem sistemas de exclusão, o que faz com que aconteça exatamente o que nos alerta Freire sobre a realidade dos discentes, que por vezes sofrem processos de desumanização, apontando para a necessidade de uma educação humanizadora. Esse fator em comum nos possibilita analisar a potencialidade do papel do professor e do sistema educacional, bem como também nos permite refletir sobre seus limites. Quando pensamos em alunos que vivenciam processos de desumanização, podemos considerar também que o professor tem a oportunidade e o dever de modificar a vida desses alunos, com a ressalva de Freire (2020, p. 110), que nos aponta que “o educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país”.

Assim, outro critério para escolha pelos filmes foi a contraposição existente entre o professor esforçado, dedicado e sensível aos alunos com professores tradicionais, que cumprem os protocolos e o currículo, possibilitando ampliar a reflexão sobre os modelos de professores desenvolvidos no capítulo anterior. Os

diferentes perfis docentes apresentados nas películas permitirão refletir sobre a identidade docente em diálogo com os autores previamente discutidos no trabalho. Permitindo pensar com isso a relação entre uma educação que aposta na potencialidade dos alunos e outra que se fundamenta nas limitações impostas, pensando como essa visão irá influenciar na prática dos docentes, ressaltando de que forma estes perfis nos dizem sobre o ser professor e a idealização da profissão.

Estes filmes nos permitiram também pensar na relação entre professores e diretores, pela forma como equipes pedagógicas e gestoras são representadas nos filmes. De igual modo, as produções nos movem a pensar sobre a relação entre família, comunidade e escola, o que possibilita uma análise comparativa entre as três produções escolhidas. Estes critérios de seleção serviram como guia para a análise dos filmes, que pensará os processos de exclusão e desumanização que ocorrem dentro das salas de aula e o papel do docente neste cenário, assim como também será refletido sobre a contraposição entre modos de ser professor e diretor e como isso afeta o ideário social sobre quem é a figura do professor e as relações entre escola, família e comunidade, pensando as potencialidades destas relações.

3.2. UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS FILMES

O filme *Vermelho como o céu* (2006) narra a História de Mirco (Figura 8), um menino de 10 anos que fica cego após um acidente doméstico envolvendo uma arma de fogo. A história é retratada na Itália em um período onde alunos cegos não podem frequentar escolas públicas destinadas ao público em geral, mas devem ser matriculados em escolas com atendimento especializado. Deste modo, Mirco precisa trocar de escola durante o ano letivo, sendo matriculado em um internato dedicado a alunos cegos. O filme retrata a adaptação de Mirco a sua nova realidade e também ao internato no qual foi matriculado.

Figura 8: Cena do filme *Vermelho como o céu*, onde Mirco e o Felice estão em cima da árvore

Mirco é uma criança apaixonada por cinema e logo nos seus primeiros dias na escola desenvolve uma história gravada a partir de um toca-fitas para uma atividade na aula de Don Julio, seu professor. Essa produção de Mirco é repreendida pelo diretor, o que faz com que Mirco perca totalmente o interesse pela escola. A virada no filme está justamente no apoio que Don Julio dá a Mirco nesta paixão pelo cinema, quando o professor lhe dá um gravador para que o aluno possa continuar desenvolvendo suas histórias. Em troca, Don Julio negocia a participação de Mirco nas aulas, o que possibilita o desenvolvimento não só dele como estudante, mas também de seus colegas, que participam da produção da história (Figura 9).

Figura 9: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Vermelho como o céu*, onde os alunos constroem a apresentação para família

Com isso, o filme aborda a exclusão e marginalização que as crianças cegas sofrem na sociedade, uma vez que foram encaminhadas para escolas

especializadas onde aprenderiam profissões que seriam determinadas por outros como possíveis. Portanto, a lógica que fundamenta essa perspectiva de educação é de que pessoas cegas só seriam capazes de executar determinados serviços e se desenvolverem até um certo ponto. Isso pode ser visualizado em diversas falas do diretor, que pontua que a escola deveria ensinar aos seus alunos serem disciplinados e se adaptarem as suas realidades. Existe, deste modo, uma clara contraposição entre a atitude de Don Julio, de apoiar seus alunos, e a postura do Diretor, de discipliná-los e prepará-los para uma "realidade" determinada por ele como certa.

Já o filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* (2007) narra a história de Ishaan (Figura 10), um garoto de 9 anos que possui dislexia. Devido a isto, apresenta resistência para se adaptar à escola, uma vez que possui dificuldade no processo de aprendizagem à leitura e escrita e está sempre sendo exigido para se concentrar nas aulas e aumentar seu desempenho escolar. O jovem Ishaan tem ainda dificuldade em se relacionar com seus pares, devido ao *bullying* que sofre em decorrência da sua dificuldade de aprendizagem, que por vezes durante o filme é iniciado após os professores lhe chamarem atenção. Como forma de resistência, Ishaan possui uma postura de sempre responder ou de subverter os questionamentos dos docentes através de "brincadeiras", o que faz com que seja considerado insolente e malcriado tanto pela escola, quanto pelo seu pai.

Figura 10: Cena retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Ishaan está observando um peixe

Ishaan tem como sua marca a criatividade e o desejo por liberdade, sempre almejando brincar, pintar, descobrir e também criar coisas novas. Isso pode ser percebido em seus desenhos que são marcados por originalidade e muita

imaginação. A personalidade de Ishaan faz com que ele seja uma criança distraída, que enquanto ocorre a aula está observando pela janela um inseto ou a forma com que a gota da chuva caí, pois são coisas que lhe despertam a curiosidade enquanto as aulas lhe são enfadonhas e desinteressantes. Unindo-se a sua distração, sua dificuldade de aprendizagem e sua postura reativa diante das interpelações de seus professores, Ishaan, que já havia sido reprovado no ano anterior, é trocado de escola pelo seu pai, após uma reunião com a diretora que informa que o aluno voltaria a repetir de ano. Essa troca é realizada no meio do período letivo, onde a criança passa a estudar em um internato, que é marcado por regras rígidas e muita disciplina.

Figura 11: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Ishaan se encontra retraído

A mudança de escola também representa para o aluno uma mudança de cidade, o que faz com que esteja longe de sua família, o que por sua vez causa abatimento em Ishaan, que antes era uma criança descontraída e criativa, se torna uma criança retraída, que permanece sempre em silêncio e apático (Figura 11). Entretanto, sua dificuldade de aprendizagem permanece, o que faz com que o aluno sofra diversos castigos devido a postura da escola, sua rigidez e conservadorismo, assim como também de seus professores. A guinada no filme acontece quando o internato recebe um novo professor de arte, Nikumbh (Figura 12), que é também descontraído, irreverente e criativo, que diante do desinteresse de Ishaan busca entender seus motivos e através de uma pesquisa nos cadernos do aluno consegue identificar sua dislexia, pois também possuía o mesmo distúrbio genético e por isso se identifica com a criança.

Figura 12: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Nikumbh tenta ajudar a Ishaan

Deste modo, após se colocar na posição de Ishaan e lembrar das dificuldades que teve quando criança, o professor Nikumbh visita os pais do aluno buscando explicar à família sobre o processo de aprendizagem do filho e obter auxílio e apoio ao discente. Após essa visita, Nikumbhtem uma reunião com o diretor da escola, onde se responsabiliza por ajudar Ishaan em sua dificuldade de aprendizagem. Para isso, utiliza de metodologias variadas e não tradicionais, o que facilita o processo de ensino e aprendizagem do aluno e faz com que ele se interesse pela escola e volte a apresentar sua personalidade alegre e criativa novamente.

Toda a trajetória de Ishaan e também os depoimentos de suas experiências enquanto aluno do professor Nikumbh nos demonstra um processo de exclusão, onde aqueles que não se adaptam ao perfil, ao modelo de comportamento que a instituição escolar exige é convidado de maneira sistemática a se retirar. Isso ocorre através de expulsões, que são os casos onde fica evidente, mas também através de repetidas reprovações, castigos, questionamentos onde o aluno é exposto aos colegas. São maneiras mais sutis, mas que também representam esse convite a se retirar para aqueles que não se adequam ao modelo social solicitado pela escola.

Diferente dos outros dois filmes, que iniciam sua narrativa a partir do ponto de vista dos estudantes, *Escritores da liberdade* (2007) tem o protagonismo na professora, Erin (Figura 13), uma docente recém-formada que tem como seu primeiro desafio profissional dar aula em uma escola em Long Beach, região marcada pela disputa de gangues e consequentemente pela violência. A narrativa do filme se concentra na adaptação de Erin à realidade vivida por seus alunos, uma vez que chega na escola considerando que iria revolucionar a sociedade através das suas aulas. Ao mesmo tempo, o filme nos traz a perspectiva dos alunos,

demonstrando sua realidade e vivências diárias, sendo fortemente marcada pela violência.

Figura 13: Montagem a partir de cenas retiradas do filme *Escritores da liberdade* retratando o primeiro dia de aula de Erin

Diferente do que imaginava, Erin encontra resistência dos alunos à escola e consequentemente as suas aulas. Diante deste cenário ela busca aproximações com os alunos e suas vivências para atrair o interesse deles nas aulas. Além da relutância identificada nos discentes, também encontra dificuldades no relacionamento com seus colegas docentes, por avaliarem que ela é muito idealista, considerando a postura de Erin arrogante ao desconsiderar o contexto.

Após meses de adaptação, sempre buscando conseguir a atenção e interesse de seus alunos, Erin consegue, depois de circular um bilhete com a imagem do aluno Jamal com um grande beiço, estabelecer um diálogo, onde realizou uma aproximação entre os conteúdos escolares e o cotidiano dos alunos, através da comparação do bilhete com as imagens divulgadas na Segunda Guerra mundial com os judeus com narizes enormes e o ocorrido no holocausto, tratando os nazistas como a maior guange da história. Com isso, a professora consegue estabelecer um ponto em comum e recomenda aos alunos a leitura do livro *O diário de Anne Frank*, assim como também solicita que eles escrevam seus próprios livros, a fim de conseguir entender suas experiências pessoais e estabelecer um vínculo com os alunos. Deste modo, a turma cria processos de afetos com a docente e no fim do filme defendem que ela permaneça sendo sua professora enquanto estiverem na escola, pois são como uma família.

Figura 14: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde Erin realiza a dinâmica da linha

Com isso, o enredo é marcado pela esforço e dedicação de Erin (Figura 14) em contraposição a “má vontade” de seus colegas, assim como também indica a marginalização dos indivíduos que não se enquadram ao modelo social hegemônico, seja através da discriminação vivida pelos alunos sob professores, seja através das falas de personagens secundários (como o pai e o marido de Erin, que consideram seus alunos como problemáticos). É importante ressaltar o tamanho deste esforço da personagem principal que concentra todas as suas forças em seus alunos, arrumando inclusive outros dois empregos para custear materiais para as aulas e vendo seu casamento se desgastar até a separação por ter toda sua atenção voltada para o trabalho, que será analisado a partir dos autores sob a perspectiva de uma construção da identidade docente recorrentemente construída pela indústria audiovisual.

3.3. ANÁLISE DOS FILMES

Conforme já apontado a partir de Freire (2020), o professor encontrará em sua realidade escolar alunos que vivem por processos de desumanização, onde tem seus direitos negados, passando por processos de exclusão e marginalização. Diante deste cenário, o autor defende uma educação humanizadora que busque por práticas libertárias, reconhecendo e explorando juntamente com seus alunos as potências encontradas. Os filmes analisados nos chamam atenção na convergência que possuem em torno deste eixo, pois abordam a exclusão em diferentes perspectivas; seja através da necessidade que Mirco tem de ser matriculado em

uma escola específica após o seu acidente, seja com Ishaan sendo convidado a se retirar devido a sua dificuldade de concentração e aprendizagem ou seja com os discentes de Erin sendo considerados como “alunos problemas”. Nessas diferentes escolhas narrativas podemos visualizar nos filmes a desumanização dos personagens pela escola em contraposição ao defendido por Freire. A imagem abaixo (Figura 15), um *frame* de *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, consegue reunir esse sentimento de exclusão de que estamos relatando: trata-se de uma cena onde Ishaan canta sobre não se sentir pertencente a escola e sentir que aquele espaço não era para ele.

Figura 15: Cena retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde Ishaan está se sentindo excluído

Sentimento este que também é vivenciado pelos alunos do colégio Wilson que viam seu futuro limitado devido a violência que vivenciavam e se viam marginalizados pela escola. Na cena abaixo (Figura 16) ocorre em uma briga generalizada, em que os alunos estão fugindo da instituição, o que demonstra um pouco deste sentimento que os alunos experimentaram como um convite a se retirar daquele espaço, justamente pelo contínuo ato de demarcação de que seu perfil não é desejado no contexto de regras e normas proposto.

Figura 16: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde os alunos correm após confusão na escola

As duas cenas nos falam sobre os processos de afetividade que a escola gera, sobre a necessidade dos alunos se sentirem pertencentes ao espaço escolar e de se identificarem com os professores, por isso a necessidade de entender a profissão para além de somente ensinar um conteúdo, mas também promover espaços de relação e identificação afetiva com a instituição. Conforme apontado por Rocha (2016), o exemplo dos professores são fundamentais para identificação com a profissão e de igual modo também são imprescindível para a aproximação com a escola. Relembrando um relato pessoal dado no primeiro capítulo, houve em minha formação professores em que era uma imensa alegria ter aula com eles, enquanto ter aulas com outros era um verdadeiro martírio. Outro exemplo claro desta necessidade de identificação com os professores é a música *Pedagoginga* em que Tiago El Niño nos relata que odiava a escola por não entender nada do que a professora falava, por ver aquele conteúdo completamente à parte e desconectado de sua realidade.

Assim como os filmes se aproximam quando abordam sobre a exclusão daqueles que não se enquadram no modelo de aluno solicitado pelas escolas, eles também convergem ao apontar a influência dos professores e seu papel fundamental para mudança da história das produções e da vida dos alunos. Don Julio é fundamental na relação de Mirco com a escola, quando dá o gravador de fitas ao Mirco, incentivando sua criatividade e negociando sua participação nas aulas e

também quando enfrenta o Diretor e muda a apresentação para os pais, valorizando a produção dos alunos.

Da mesma maneira, Nikumbh observa Ishaan abatido e tenta entender o que está acontecendo com o aluno buscando nos seus cadernos explicações para seu baixo rendimento. A partir desta pesquisa visita a casa do aluno e conversa com seus pais. Assim como também tem uma reunião com o Diretor, onde se disponibiliza a realizar aulas adaptadas para Ishaan. De igual modo acontece em *Escritores da liberdade,* na aula onde Jamaal sofre bullying através do desenho que roda a sala e Erin realiza uma aproximação da realidade dos alunos ao holoucasto, tratando o Nazismo como a maior gangue da história. Deste modo Erin consegue aproximar o conhecimento escolar com o saber cotidiano de seus alunos, como aposta Freire (2020). Na aula seguinte a professora realizou a dinâmica como linha no meio, que permitiu aproximação entre os discentes, uma vez que ao decorrer da atividade os alunos conseguiram perceber que vivam realidades muitos parecidas e passaram a se enxergar uns nos outros (Figura 17).

Figura 17: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde os alunos puderam se visualizar uns nos outros

Todos estas cenas citadas são emocionantes, inspiradoras e dizem de uma educação humanizadora, de um professor que busca enxergar seus alunos, se relacionar com suas realidades e extrair suas potencialidades, mas também geram um processo de idealização da profissão docente, por isso precisamos questionar o que elas nos dizem sobre a profissão, quais são os ideais que elas criam em nosso imaginário? Inicialmente, pode-se pontuar que as narrativas citadas criam a ideia

romantizada de que um bom professor irá impactar a vida de seus alunos e que após esse encontro suas vidas nunca mais serão as mesmas, tal como muitos outros produtos audiovisuais anteriormente citados.

Essa leitura me fez lembrar de que na minha primeira reunião do *grupo de pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea* fui convidada a apresentar meu objeto de análise do trabalho de conclusão de curso e algumas das colegas que já estavam atuando na educação básica brincaram, dizendo que estão esperando até hoje o dia que irão revolucionar a vida dos alunos como nos conteúdos assistidos não só nestes filmes apontados, mas também em outros. Essa perspectiva construída pelos filmes marca um ideário do papel dos professores, formatando uma visão reforçada continuamente de que a educação revoluciona individualmente a vida dos estudantes. Quando nos voltamos a Freire (2020) vemos a necessidade de equilíbrio, pois ele nos aponta que um professor não pode considerar que através da sua aula irá transformar a realidade social, mas sim demonstrar que isso é possível. Essa abordagem do professor “salvador” recorrentemente abordada nas produções audiovisuais possui o objetivo de dizer de uma forma de ser professor.

A essa abordagem soma-se a contraposição que é realizada entre o professor esforçado, prestativo e sensível com todos os demais professores da escola, que são tradicionais e condicionados a realidade escolar que se apresenta como rígida e esmagadora de novas possibilidades. Uma perspectiva vista entre Erin e os demais docentes do colégio Wilson, entre Nikumbh e seus colegas da escola interna e também entre Don Julio e o Diretor. De igual modo, os filmes nos demonstram o contraste entre um professor que se esforça para ser sensível aos alunos e suas demandas e docentes que podam a criatividade dos discentes, focando em um ensino pautado na disciplina e ideias tradicionais da educação.

Figura 18: Cenas retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* que permite visualizar o contraste entre professores disciplinadores e o professor lúdico

A imagem acima (Figura 18) retiradas de *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* é exemplo desta contraposição realizada nos filmes. Em uma das imagens temos os professores encarando Ishaan, como se estivessem cobrando e exigindo dele, enquanto na outra Nikumbh realiza sua apresentação para turma, de modo lúdico e descontraído e com isso desperta o interesse e conquista o afeto dos alunos. Quando apontamos essa contraposição existente não queremos advogar pelo desinteresse apresentado pelos professores nos filmes, nem criticar processos de aprendizagem que zelam por criar afetos e significações para os alunos, apenas indicar que os filmes nos dizem um modo de ser docente e que assisti-los de maneira acrítica poderá nos levar a busca por ideais que na realidade concreta são difíceis de serem alcançados.

Quando trazemos estes filmes para reflexão o objetivo é demonstrar que a profissão docente é complexa, cheia de nuances que não podem ser desconsideradas. Por exemplo, quando se pensa a realidade brasileira onde muitos professores encaram cargas horárias de três turnos por dia, somando uma carga horária semanal de 65 horas semanais, seria possível uma professora buscar um

segundo e terceiro emprego como o feito por Erin para custear material para os seus alunos? Nessa lógica tiramos a responsabilidade do poder público de garantir uma educação de qualidade e passamos para os professores que precisam se esforçar para superar as adversidades encontradas. Esse aspecto é central para a presente reflexão, não desconsiderar que os professores precisam ser sensíveis e atentos às necessidade de seus alunos, apostando que eles podem sim aprender como indicado por Freire (2020) e Rancière (2018), mas assinalar que é necessário cautela e cuidado quando assistimos esses filmes, pois como apontado por Nóvoa (1992) e Pimenta (1998) a formação docente deve ser realizada através de uma postura reflexiva e crítica.

Outro ponto de convergência dos filmes é a figura dos diretores das instituições de ensino, sempre marcados pela rigidez e o gosto pela disciplina, por manter as coisas como estão, nos remetendo ao ensino bancário e ao embrutecimento, denunciado por Freire (2020) e Rancière (2018). Isso pode ser visualizado quando Don Julio precisa enfrentar o reacionário gestor da escola, que considera que seus alunos devem ser disciplinados, pois esta é a principal contribuição que a instituição poderia oferecer. No filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* temos a figura de dois diretores, a primeira que na reunião com os pais de Ishaan aponta que o aluno seria reprovado novamente e com isso expulso no final do ano, o que faz com o pai mude o aluno de escola. Na nova instituição a primeira cena do diretor apresenta-o falando que no seu colégio eles domesticavam os cavalos mais bravos, trazendo deste modo o poder disciplinador. Enquanto isso, em *Escritores da liberdade,* o diretor participa de poucas cenas, nas quais em sua maioria se encontra calado, onde a sua auxiliar é responsável pedagógica da escola. Sua auxiliar, por sua vez, representa o modo reacionário de fazer educação ao não emprestar livros para que eles não sejam estragados, assim como também considera uma afronta os “maus alunos” serem presenteados como excursões.

Com isso está sendo construída uma figura caricata da posição do diretor que permeia o imaginário social; de um diretor que está responsável pela parte burocrática e por manter a disciplina na escola, sendo desconsiderado que existem outras formas também de exercer a gestão. Na minha experiência no estágio do Ensino Infantil tive a grata oportunidade de desconstruir essa imagem, onde encontrei com a professora Keila, uma diretora que fazia parte do cotidiano da

escola, participando ativamente das atividades realizadas e que conhecia seus alunos pelo nome, partilhando com eles muito carinho e afeto. São com essas imagens (Figura 19) que se solidificam através das produções audiovisuais que precisamos ter cuidado, o quanto elas são limitantes e o quanto as assumimos como realidade.

Figura 19: Cena retirada do filme *Vermelho como o céu*, onde ocorre uma conversa entre professor e diretor

Os filmes também nos possibilitam pensar sobre as relações existentes entre escola, família e comunidade, seja através das reuniões com os pais, de feiras que contam com a participação da comunidade ou de protestos contra um diretor reacionário. Podemos pensar a partir dos filmes são as reuniões de pais, em *Como estrelas na Terra: toda criança é especial, temos* uma cena onde a reunião é realizada com Ishaan no canto da sala enquanto as professoras, a diretora e os pais falam sobre ele (Figura 20). Essa é a reunião que culmina na transferência do aluno para o internato e que não é possível visualizar um local onde o aluno possa ter fala apesar de naquele momento a discussão se sobre ele. O que nos permite refletir sobre como aluno é visualizado, qual o local que a escola reserva para ele, cabendo também pensar sobre o quanto essa prática ocorre na realidade escolar, o quanto é falado sobre os alunos sem que haja espaço para que ele possa se colocar.

Figura 20: Cena retirada do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial*, onde ocorre uma reunião entre pais, professoras e diretora

Conseguimos visualizar na história de Ishaan e de Mirco pais que buscam acompanhar a trajetória de seus filhos, mas que não atuam rotineiramente na escola buscando contribuir para o desenvolvimento dela. Já os alunos do colégio Wilson, em *Escritores da liberdade*, não contam com este acompanhamento, por isso a cena de reunião dos pais é marcante devido à ausência deles (Figura 21). Além disso, a cena vem na sequência de um momento do filme onde a professora Erin se esforça para organizar a reunião e demonstra desinteresse dos responsáveis com o progresso escolar de seus filhos.

Figura 21: Cena retirada do filme *Escritores da liberdade*, onde nenhum pai comparece a reunião de pais

O que nos move a pensar o apontado por Nóvoa (2019), sobre a necessidade e a potência de integração entre família, comunidade e escola, uma vez que a educação não é realizada unicamente nos espaços institucionalizados e também

não é apenas de sua responsabilidade. Esta aproximação permite maior coerência do projeto educacional e dos professores com a realidade dos alunos, sendo ela, de certa forma, natural, criando a necessidade de maior sistematização, mas que conseguimos visualizar através de eventos nas escolas, que agregam muito ao cotidiano de aprendizagem, como podemos visualizar nos filmes.

Seja na feira realizada no colégio Wilson para arrecadação de fundos para visita Miep Gies à escola, demonstrando que a comunidade estava disposta a ajudar os alunos. Ou seja, no concurso de pintura realizado por Nikumbh onde são convidados todos os alunos e jurados de fora. Assim como também no protesto realizado contra a expulsão de Mirco e o Diretor (Figura 22), o que permite que o enfrentamento realizado por Don Julio seja efetivo. Esses são apenas pequenos exemplos da importância da integração entre escola, comunidade e pais, pois essa aproximação enriquece todo o processo de aprendizagem, permitindo visualizar novos modos onde são desenvolvidos processos de educação.

Figura 22: Cena retirada do filme *Vermelho como o céu* em que ocorre um protesto da comunidade

Através dos pontos ressaltados se demonstra a necessidade de um olhar mais criterioso sobre como as produções audiovisuais retratam a realidade docente, refletindo o quanto elas estão nos dizendo sobre a escola e sobre formas de ser professor. Pensando sempre nas possibilidades que os filmes nos apresentam e também nas limitações que possuem. Não podemos após assistir uma narrativa onde o docente revoluciona a vida de seus alunos e encarar que só seremos bons professores se fizermos o mesmo, sendo que existem tantas outras variáveis que

são desconsideradas no enredo fictício. Isto não quer dizer que não podemos vê-los e ser tocados por eles, mas que precisamos assistir com cuidado e criticidade.

Diante disto, podemos ressaltar a necessidade de considerar o contexto de produção dos filmes no momento de realizar aproximações com a nossa realidade, uma vez que nenhum dos três filmes retratam a realidade brasileira, um foi produzido nos EUA, outro na Itália e outro na Índia, logo, não conseguem abranger a realidade brasileira. Fazendo, portanto, necessário a aproximação com a realidade escolar, através de vivências dos estágios, da troca com outros colegas de turma e com professor já em exercício, pois, como apontado por Nóvoa (2019, p. 10), precisamos dos outros para nos tornarmos professores. Somente considerando o todo que podemos visualizar a profissão docente, não em uma postura de deixar de assistir estes filmes, mas sim de vê-los e entender que essa representação possui limitações.

Outro ponto que podemos ressaltar é o fato de que essas produções não são consumidas apenas por alunos dos cursos de licenciaturas, mas são consumidas pelo público em geral e criam deste modo uma idealização da figura do professor que perpassa o imaginário social dos docentes atuantes. Alunos, pais e familiares, após assistirem filmes como estes, passam a comparar a conduta dos professores que convivem com as posturas identificadas nos filmes, criticando suas condutas e desejando uma aproximação com a dos produtos audiovisuais. Como nos aponta Pimenta (1999), a identidade profissional também é construída pela significação social, deste modo a apropriação que as películas possuem pela sociedade também influencia diretamente na formação docente.

Retornando a Acaso, Megias, Kellner e Martins, entendemos que as imagens possuem poder de despertar desejo, por isso são tão utilizadas no mercado publicitário. Diante desta ideia de desejo, cabe refletir que professor gostaríamos de ser? Que escola desejamos construir? Qual a influência das produções audiovisuais neste ideal de professor que construímos e nessa ideia de escola que queremos? Como podemos pensar esses filmes de maneira crítica e nos apropriarmos deles na nossa formação enquanto professores? Entendo que somente tendo bem claro o projeto de educação que defendemos e buscando estar conectado com o contexto social da profissão, buscando aproximações e trocas com as escolas, sem perder de vista que se trata de um trabalho situado historicamente, que, como aponta Arroyo

(2002), é um dos ofícios mais perenes da formação humana. Por isso, precisa ser encarado de acordo com sua complexidade, não cabendo lugar para um simplismo de se é uma coisa ou outra.

A realidade é que apesar de se desejar e buscar por se aproximar de professores que possuem uma postura mais humanizada, que considere o aluno, que busque por desenvolver suas potencialidades e procure uma relação mais horizontal com os discentes, não conseguimos ser apenas uma coisa enquanto professores. Vivenciamos experiências que são a soma, o encontro do professor disciplinador, autoritário e do professor sensível, por vezes conseguimos estar atentos a necessidade dos alunos, a incentivá-los a participar ativamente, por vezes desejamos disciplina, pedimos por ordem e gritamos de maneira autoritária para sermos ouvidos. A verdade é que enquanto professores somos uma mistura complexa e nada homogênea das figuras que desejamos e também das figuras que criticamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em uma formação que parte do princípio de que educação é um ato político nos possibilita o entendimento da profissão de maneira complexa, tal como ela é, repleta de possibilidades e escolhas. Onde não se assume a figura docente apenas como uma coisa ou outra, mas sim, como a soma de diversos fatores, tais como exemplos de antigos professores, gosto musical, trocas com outros colegas em aula, para além da dimensão conceitual referenciada nas leituras e documentos. Com isso, entendemos que todo professor possui consigo um repertório de vivências que determinam o docente que será construído desde sua formação inicial, sempre em constante ampliação. Diante deste cenário que pessoas diferentes que realizam a mesma graduação possuem formações diversas, pois o modo como se apropriaram das discussões, filmes e textos foram pessoais, logo, resultam em profissionais complexos e diversos.

Essa é uma das defesas da presente pesquisa, que somos formados de maneira múltipla, com diversas influências e também de maneira perene. A formação não se esgota ao término de uma graduação, ela permanece ao longo da vida, somos formados a todo instante, através de uma turma que transforma sua experiência ao longo de um ano letivo, através de um filme que nos leva a refletir sobre a profissão docente, através de uma música que nos provoca a repensar a sublimação dos conhecimentos ou através de uma fala de amigo sobre a escola de seu filho. Somos convidados a refletir continuamente sobre a educação, isso faz com que estejamos sempre num processo de formação e transformação da nossa identidade docente.

É diante deste cenário, tendo em mente o poder formativo das imagens e do cinema, que se faz necessário um olhar crítico sobre o que consumimos, pois tendo ou não a dimensão do quanto um filme que retrata a docência possui sobre minha formação enquanto professora, ele permanecerá me formando. Ele continuará perpassando meu imaginário e oferecendo um exemplo de docente a ser seguido ou não.

Os filmes analisados, conforme apontado, contribuem para a idealização da profissão docente, nos demonstram modos de ser professor e reforçam, através da contraposição entre os docentes protagonistas, que são sensíveis e esforçados, e os

professores secundários, que são disciplinadores e autoritários, o ideal de “bom” e “mau” professor. Através de fruição acrítica do filme posso considerar que basta meu esforço para que consiga conquistar os alunos e garantir a eles um processo de ensino e aprendizagem significativo. Por isso, é preciso uma reflexão crítica ao assistir filmes como estes, é necessário considerar não só suas potencialidades, mas também suas fragilidades.

Entendo que estas produções audiovisuais me formam enquanto docente, pois assim como Nikumbh - professor do filme *Como estrelas na Terra: toda criança é especial* - desejo estar atenta aos meus alunos, conseguindo perceber quando estão tristes, abatidos ou alegres, oferecendo minha escuta e buscando auxiliá-los dentro das possibilidades. Desejo também, assim como Don Julio - professor do filme *Vermelho como o céu* -, estabelecer um relacionamento de troca com meus alunos, onde possamos negociar e construir juntos nosso processo de ensino e aprendizagem. De igual forma, desejo que assim como Erin - professora do filme *Escritores da liberdade* -, consiga despertar em meus alunos processos de afetividade, onde prevaleça o carinho e o respeito.

De igual maneira, preciso entender que diferente de Erin, Don Julio e Nikumbh, o ponto de transformação na vida dos meus alunos não serão minhas aulas ou minha postura, mas como aponta Freire (2020), minhas aulas poderão permitir que os discentes entendam que é possível mudar. É nessa possibilidade que devemos apostar, em uma educação que não pode tudo, mas que alguma coisa pode, como diz Freire. Este se constitui um dos maiores dilemas a ser superado pelos professores, o não conformismo de que nada podemos através da educação em contraposição ao idealismo de que tudo podemos. Este é o principal aprendizado da minha formação e da presente pesquisa, a necessidade de equilíbrio, de refletir, considerando a multiplicidade de fatos, respeitando as potencialidades e as limitações que todo professor possui.

A potencialidade desta pesquisa se encontra justamente no entendimento do percurso formativo de maneira ampla. Ela nos permitiu pensar sobre as diversas influências que a formação possui, pensando aspectos curriculares, como as resoluções CNE/CP nº 1/2006, CNE/CP nº 2 e o PPC de 2018 do curso de Pedagogia da UFES, mas também permitindo refletir sobre uma formação para além destes aspectos, realizada também enquanto escutamos músicas e assistimos filmes, por exemplo. Ressalta também a necessidade de uma formação reflexiva,

como apontam Nóvoa e Pimenta, onde se pondera e reflete continuamente sobre o que se faz.

Por sua vez, cabe ressaltar que a análise dos filmes foi realizada sobre produções audiovisuais que não retratam a realidade brasileira, com isso não podemos esperar que eles deem conta de demonstrar nossas escolas e professores, uma vez que não refletem sobre nosso contexto. Pensando que um dos principais critérios de escolha dos filmes foi ter feito parte das ementas e disciplinas desenvolvidas pelos meus professores ao longo da graduação, cabe o questionamento sobre o motivo de em um curso de Pedagogia realizado no Brasil não possuir indicações de filmes brasileiros que retratam a docência. Seria a inexistência deles? Ou desconhecimento de sua existência? São algumas hipóteses que só seria possível comprovar através do diálogo com os professores.

Com isso, demonstra-se o fértil terreno das pesquisas sobre formação docente, campo que, por sua vez, é amplamente explorado, mas devido sua abrangência torna-se inesgotável. De modo que pensar o percurso formativo de professores de maneira ampla, considerando as diversas influências sobre ela abre possibilidade para novas formas de se enxergar a profissão e se relacionar com o campo da educação. Outro ponto a ser explorado é o poder da influência das imagens e do cinema na formação de subjetividades, cabendo, por exemplo, refletir sobre como a docência é retratada pelo cinema nacional.

Ademais, fica ressaltada a força que possui uma formação pensada para além de aspectos do currículo meramente prescritivo, demonstrando também como aspectos que muitas vezes não têm muita atenção, como músicas e filmes, são importantes para nossa formação. Sendo que por vezes a partir de um olhar aligeirado apenas consumimos estes produtos sem refletir sobre sua influência, o que não altera o fato de que eles nos formam enquanto professores. Uma vez que é impossível separar o que nos forma enquanto sujeitos do que nos constitui enquanto profissionais docentes, pois como apontado nossas experiências pessoais são fundamentais em nossa formação. Por isso, faz-se necessário que a reflexividade crítica permeie nosso cotidiano, nos encaminhando com isso para a práxis docente do qual nos fala Freire.

REFERÊNCIAS

ACASO, Maria. **Esto no son las torres gemelas:** Cómo aprender a leer la televisión y otras imágenes. Madri: Catarata, 2016.

ACASO, Maria; MEGÍAS, Clara. **Art thinking:** Cómo el arte puede transformar la educación. Barcelona: Paidós Educación, 2017.

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARREIRO, Rodrigo. **A linguagem do cinema**: Uma introdução. Recife : Ed. UFPE, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. A educação é um ato político. **Cadernos de Ciência**, Brasília, n. 24, p. 21-22, jul./ago./set. 1991

GIROUX, Henri. Memória e pedagogia do maravilhoso mundo da disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GÓES, Margarete Sacht; VAGO-SOARES, Maria Angélica. **Fricções e aproximações do ensino da arte na educação infantil:** formação docente e arte contemporânea. Palíndromo, Florianópolis, v.14, n. 32, p. 238 - 255 , jan 2022

LOVELACE, Amanda. **A princesa salva a si mesma neste livro.** São Paulo: LeYa, 2017.

_____. **Quebre os seus sapatinhos de cristal.** São Paulo: LeYa, 2021.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**, Lisboa: Dinalivro, 2005.

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? **Visualidades**: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Goiânia, v. 4, n.1 e 2, 2006.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: editoraufsm, 2007, p. 19-40.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Disponível em: <https://docs.di.fc.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf>. Acesso em: 14 Jan. 2023.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, 2019.

NÓVOA, António. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Edições Educa - Instituto de Educação - Universidade de Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, I.M.; CHICON, J. F. ; MONTEIRO, E. G. ; MURACA, G. V. . A inclusão escolar na formação inicial de professores. **Revista Kiri-Kerê**: Pesquisa em ensino, p. 11-36, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antifascista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Julia. O espaço da subjetividade na construção da identidade do professor de artes visuais. In: **Anais do 25º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**: Arte: Seus espaços e/em nosso tempo; 26 a 30 de setembro de 2016; Porto Alegre. Porto Alegre: ANPAP, 2016.

SANT; LP BEATZ. **Ar e Água**. 2022. Digital: 2:22.

SANT; LP BEATZ. **Bônus**. 2:21. Digital: 1:50.

SANT. **Coragem**. 2015. Digital: 4:03.

SANTOS, Robson; COSTA, Felipe. Imagens do Brasil: O Cinema Brasileiro e a Construção da Identidade Nacional. **Revista Nau**, São Paulo, v.1, n.2, 2008.

THIAGO EL NIÑO; SANT; KMKZ. **Pedagoginga**. 2017. Digital, 4:57.

VEIGA, Ilma; SOUSA, José; RESENDE, Lúcia; DAMIS, Olga. **Licenciatura em pedagogia**: Realidades, incertezas, utopias. Campinas: Papirus, 1997.

PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS CITADAS:

2 Filhos de Francisco. Direção de Breno Silveira. Brasil: Columbia Pictures, 2005.

Abril Despedaçado. Direção de Walter Salles. Brasil: Lumière Brasil, 2001.

As Vantagens de ser Invisível. Direção de Stephen Chbosky. EUA: Summit Entertainment, 2012.

Carandiru. Direção de Héctor Babenco. Brasil: Sony Pictures Classics, Globo Filmes, 2003.

Cidade de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Brasil: Globo Filmes, 2002.

Com amor anônima. Direção de María Torres. México: Netflix, 2021.

Como estrelas na Terra: toda criança é especial. Direção de Aamir Khan e Amole Gupte. Índia: PVR Inox Pictures, 2007.

Entre os muros da escola. Direção de Laurent Cantet. França: Sony Pictures Classics, 2008.

Escritores da liberdade. Direção de Richard LaGravenese. EUA: Paramount Pictures, 2007.

Espero tua revolta. Direção de Eliza Capai. Brasil: Taturana Filmes, 2019.

Gaby - Uma História Verdadeira. Direção de Luis Mandoki. EUA e México: TriStar Pictures, 1987.

Intensivão do Amor. Direção de Yoo Je-won. Coreia do Sul: Netflix, 2023.

Malhação Viva a Diferença. Direção de Cao Hamburger. Brasil: Rede Globo, 2017-2018.

Merlí. Direção de Eduard Cortés. Espanha: TV3, 2015-2018.

O Jeremias. Direção de Anwar Safa. México: Sony Pictures, 2015-2018.

O primeiro da Classe. Direção de Peter Werner. EUA: Hallmark, 2008.

Olga. Direção de Jayme Monjardim. Brasil: Lumière Brasil, 2004.

Quase 18. Direção de Kelly Fremon Craig. EUA: Sony Pictures, 2016.

Rebeldes Brasil. Direção de Ivan Zettel. Brasil: RecordTV, 2011-2012.

Vermelho como o céu. Direção de Cristiano Bortone. Itália: Califórnia Filmes, 2006.